

Compilação:
Maria Augusta Vasconcellos Diniz

Patrocínio:
"Casas São Geraldo"

RETALHOS



Bolo de Aniversário "homenagem das Casas São Geraldo". Desfile em
15-12-1963 Bi-Centenário de Bragança Paulista



RETALHOS

Responsáveis por esta edição:

Compilação: Maria Augusta Vasconcellos Diniz
Patrocínio: "Casas São Geraldo"

CENTRO CULTURAL BRAGANÇA PAULISTA UNID 02
3826

P R E F Á C I O

A presente edição é um complemento, também modesto e despretencioso, do livro "Bragança Paulista- Bi Centenária", em homenagem à Padroeira da Cidade Poesia, Nossa Senhora da Conceição, por ocasião do bi-centenário comemorado em 15 de dezembro de 1963.

E', a exemplo do primeiro, uma seleção de crônicas, retalhos da história e, mais especificamente, focaliza as festividades de encerramento do ano bi-centenário.

A par de ser humilde oferta a nossos conterrâneos, consubstancia uma justa homenagem das "Casas São Geraldo" ao sr. Alberto Diniz, seu Diretor e mais antigo sócio, contemplando e memorando, neste 1965, suas Bôdas de Ouro de atividades comerciais, o que o torna um símbolo do comércio Bragantino.

E', ainda, um preito de gratidão a Deus pelas infinitas bênçãos espargidas sobre o povo bragantino e, em especial, sobre a pessoa do homenageado e seus familiares.

A despretensão dêste trabalho pede ao prezado leitor sua benevolência.

Bragança Paulista, maio de 1965.

DEDICATÓRIA

Alberto Diniz é bragantino, filho de pais italianos, oriundos de Abruzzo, Itália. Seus pais, Rafael Diniz e Maria Vicência Ferrari Diniz, aqui aportaram jovens ainda, no ano de 1888, e aqui estão enterrados. Modestos, honrados e benquistos, deram a Bragança 10 filhos, cuja numerosa descendência continua trabalhando e cooperando em todos os setores para o bem de sua terra, engrandecendo-a aqui ou acolá. Ao espôso, pai e avô carinhoso e muito amado, esta homenagem e nosso amor e gratidão.

De sua esposa, filhos, noras e netos.

JARPAS . . .

Do Bragança Jornal de 26-3-1949:

“Alberto Diniz, sem que isso lhe seja demérito, senão fato que muito o honra, promanando da classe de caixearal, foi escolhido num momento feliz, para nortear a Associação Comercial de Bragança Paulista. Fiel ao seu postulado de trabalhar sempre sem que olhasse para os tropeços que se lhe antepunham, fêz questão de torná-la pujante, valendo-se assim o justo título de verdadeiro consolidador daquela associação. Sem falar em outros títulos que o guindaram à benemerência de seus pares, dois fatos bastam para caracterizar sua valia e sua alta visão de administrador. Uma a operação que redundou à Associação Comercial a posse de seu prédio próprio, um magnífico edifício que se ergue à rua dr. Candido Rodrigues, 44. Outro, a parte saliente que a entidade teve na Conferência de Teresópolis, em que o então Presidente, de parceria com o secretário, sr. farmacêutico João Furquim Lambert, naquêlê cenáculo, teve a oportunidade de apresentar e defender em plenário, pontos de vista de alto interêsse para a coletividade bandeirante e em particular para a sua terra”.

a) Ramagão Hortilho



Rua Cel. Teófilo Leme



Segunda turma de datilografos de Bragança — 15 de Novembro 1920
Prof. D. Georgina Gomes — 1.ª à esquerda, assinalado o sr. Alberto Diniz



Altar mór da Catedral que está sendo demolida
Gentileza Foto Arte-Pipeta

A EXEMPLAR BRAGANÇA

Lahyr de Castro Coffi

Trasanteontem, na luminosa manhã dêsse ameno princípio de quase inverno, junto às primeiras encostas das montanhas que marcam a fronteira sul de Minas Gerais, havia um espetáculo expressivo e confortador.

No tôpo de uma colina, pouco além da margem do coleante Jaguari, se exhibia, na documentação soberba de uma colheita, a resposta irretorquível à grande agitação que ora se faz no país a pretexto de amparar a vida rural.

O município de Bragança, que é o maior produtor de batata no Brasil, assinalava, festivamente, a vitória dos seus lavradores, que cada ano colhem e entregam ao consumidor 600 mil sacas do precioso tubérculo. Ali se encontrava, classificada tècnicamente na disputa de premios, tôda a aristocracia vegetal das solaneas. Quem tomasse na mão um daqueles tubérculos, sadio, denso, macio como rosto de criança, veria o que pode fazer o devotamento do trabalho bem orientado. A origem genética, vinda da Holanda e da Alemanha, fôra multiplicada com carinhosa competência. A moderna ciência agrônômica ensinara como afastar fungos e insetos e como ajudar o solo, trabalhando na paciência de um canteiro de jardim, com os fertilizantes econômicos. Havia mais ainda. Por traz daqueles mostruários estava uma sólida vida agrária. O município bragantino, na sua área total de quase 900 quilômetros quadrados, possui apenas dez ou doze propriedades com mais de 200 alqueires, contra 6.500 pequenas fazendas, intensamente cultivadas. Tão adiantadas, tão atualizadas, que Bragança, vaidosamente; junta ao seu título de maior produtor nacional de batata, o honroso diploma de ser, também, o maior produtor de cafés despulpados de tôda a América Latina.

Ali estava, pois, cintilando ao sol no último sábado, a resposta aos agitadores, aos incapazes primários que insultam a inteligência do agricultor brasileiro.

Bragança a académica cidade natal do fundador desta casa, do sempre lembrado Cásper Líbero, mostrava, singelamente, que não existe latifúndio onde o trabalho rural é atuante e que se pode alcançar a perfeição, apenas com a dedicação e esforço competente.

O velho município, que vai festejar êste ano dois séculos da sua fundação, não se fossilizou no destino das cidades-mortas. Ao contrário, triunfou espetacularmente, na produção das mais difíceis culturas agrícolas.

Talvez, por isso, sentindo a realidade esplêndida daquele momento, foi que o governador de São Paulo teve uma frase perfeita. Discursando, no pórtico da festiva exposição, disse o sr. Adhemar de Barros, dirigindo-se ao sr. Ministro da Agricultura — “Pode Vossa Excelência dizer ao Governador que tudo isso que aí está foi feito sem Reforma Agrária”.

Difícilmente se poderá achar melhor, mais oportuna e justa legenda para a exemplar Bragança que a frase exata do sr. Adhemar de Barros.

Tudo aquilo que ali estava, a colheita ótima, a terra subdividida, a riqueza tornando o lavrador jubiloso, tudo aquilo, fôra feito sem Reforma Agrária.

Haverá melhor resposta para os agitadores?

(Transcrito de “A Gazeta”, de 14-5-1963)

SALVE BRASIL !

“Stamos em pleno mar!
Brinca o luar — doirada borboleta;
E as vagas após elle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta!

“Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca ascende as ardentias,
— Constelações do líquido thesouro;

“Stamos em pleno mar!... Dois infinitos
Ali se estreitam n'um abraço insano...
Azues, dourados, plácidos, sublimes!...
Qual dos dous é o céu Qual é o oceano

“Assim entre céu e mar, perdidas, desarvoradas, vagavam os navios portugueses que saíram de Portugal em busca de novas terras. Arrastado insensivelmente pelas correntes oceânicas, o roteiro, ora contemplando a vastidão do mar... quando, de repente, ficou surpreendido vendo pássaros voando e plantas boiando, o que lhe anunciava terra próxima com que não podia contar!... E no dia seguinte, avistou um alto monte ao qual, em homenagem à festa que se celebrava a bordo e no mundo cristão, denominou Monte Pascoal.

Descoberto estava pois o nosso caro Brasil!:

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura
Detem-se! Aqui de encontro a verdejantes plagas,
Em carícias se muda a inclemência das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Beija-a! O sol tropical deu-lhe a pele doirada
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...
Beija-a é a mais bela flor da natureza inteira!

(O. Bilac) O Brasil

Dias depois levantava-se uma grande cruz com as armas portuguesas e celebrava-se a primeira missa em terras brasileiras, oficiada por Frei Henrique de Coimbra; e, Cabral, tomava posse da terra descoberta para a Corôa de Portugal”.

O NOSSO IDIOMA

Geraldo Macarini Bego

E' bela a língua portuguesa. Ou, se querem a língua portuguesa falada no Brasil. Bela e rica. Mais do que bela é opulenta.

“Ultima flor do Lácio, inculta e bela,
E's a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na gança impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...”

Lácio, é a região da costa ocidental da Itália, à margem do mar Tirreno, compreendendo as Províncias de Frosinone, Latina, Rieti, Roma e Viterbo. Mas, historicamente, "antigo Lácio foi o berço dos povos latinos que depois de se unirem e de subjugar os visinhos, construíram o Império Romano e empreenderam a conquista do mundo conhecido dos antigos. O nosso idioma, como as demais línguas neo-latinas, a castelhana, a italiana, a francesa, a espanhola, a rumena, etc., derivou do latim. língua falada no Lácio. Eis a razão porque o poeta escreveu "Última flor do Lácio..." Última, por ter sido Portugal a última conquista dos povos romanos, e assimilando a língua dos invasores, fez nascer o último rebento do latim: a língua portuguesa. Esta, em virtude da ocupação sucessiva da península ibérica, por diversos povos no decorrer da história, teve enriquecido o seu valor vocabulário com um número muito grande de palavras estrangeiras. O idioma luso-brasileiro possui mais de 200.000 vocábulos, registrados em dicionários. Rica, assim como é a nossa língua permitiu que o imortal Rui Barbosa escrevesse, em 1912, sua "A Rebenqueida" utilizando-se de mais de 30 sinônimos de chicote. O nosso idioma é rico e belo! Resta que a mocidade estudantil saiba dar-lhe a atenção que merece. Estudá-lo com amor; cultivá-lo com carinho; empregá-lo com correção e justeza.

VIVA A LINGUA PORTUGUESA

(Antonio Ferreira — Século XVI)

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e lá onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva.
Se até aqui esteve baixa e sem louvor
Culpa é dos que a mal exercitaram
Esquecimento nosso e desamor.

Mas tu farás que os que a mal julgaram
E inda as estranhas línguas mais desejam
Confessem cedo ante ela quanto erraram,
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque eles para os outros assim sejam.

SÃO PAULO

Carlos Rodrigues Nogueira

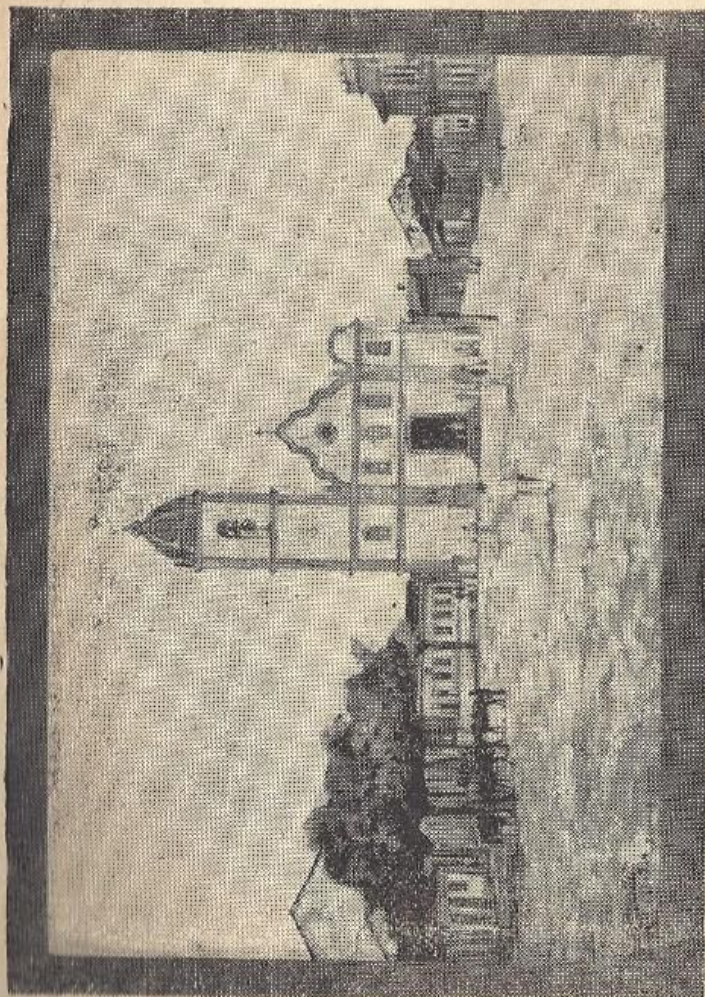
Um dia há muito tempo, em longa caminhada,
Um padre jesuita, em terra brasileira,
resoluto enfrentou a selva traiçoeira
e venceu da montanha a aspérrima escalada.

Fremia-lhe de amor a alma alvoroçada.
As primícias da fé, a mensagem primeira
do Evangelho queria, em nova alviçoeira,
a semente lançar, na terra inexplorada.

Num planalto, afinal, à luz do sol ardente,
uma escola plantou, e na igreja nascente,
da cruz se irradiou a luz que anima e aquece.

E assim nasceu São Paulo, há quatrocentos anos,
na conquista imortal dos corações humanos,
sob as bênçãos de Deus, entre o trabalho e a prece.

"Entardecia. Vesperava o dia de Natal de 1553. O navio com os jesuitas mandado buscar por Nóbrega à Bahia, arribava a S. Vicente. Entre os recém-chegados estava o Irmão José de Anchieta. Passadas as festas de Ano Bom e Reis, os jesuitas sobem a serra-acima, pelo caminho já seu conhecido e palmilhado. Pernoitam em Santo André da Borda do Campo. Ao romper dalva o grupo dividido em três alas, dirige-se para o alto do Inhapuambuçu. À frente, Manoel da Nóbrega, João Ramalho, Tibiriçá, Caiubi e Pe. Manoel de Paiva. Logo atrás os outros jesuitas, Bartira, e os filhos de Ramalho. Em terceiro lugar, portugueses e Guainazes de Santo Antonio do Campo." — Vai iniciar-se o officio divino. A catedral é imponente. As suas bases são contrafortes da coluna predestinada e a sua cúpula é o simbório da amplidão. Aquêlê que sustém nas mãos a patena das oblações o jesuita Manoel de Paiva, acolita-o o Irmão José de Anchieta, e ao lado Nóbrega, com os olhos fitos no céu pede bênção para a terra que nascia... (Cf. Dr. J. A. Cesar Salgado). E a 25 de janeiro de 1554 começa a



Bragança em 1.800 — Largo da Matriz — Geniloeza do "Cidade de Bragança"

funcionar o Colégio de São Paulo de Piratininga. Entre os portugueses de Santo André destacam-se: João Ramalho, sua mulher Bartira, os filhos do casal, Tibiriçá e Caiubi, cujas tribus foram colocadas no Largo de S. Bento e na Esplanada do Carmo, para defenderem a cidade que nascia.

Trecho de VISÃO DO PASSADO

Fernando Valle

Tôda cidade tem a sua história religiosa, pois sua fundação sempre vem com a criação de uma igreja ou capela. Assim é que no ano de 1763, o sr. Antônio Pires Pimentel e sua mulher D. Ignacia da Silva, em cumprimento de um voto edificaram no dorso de uma colina, à margem do ribeirão Canivete uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Doaram as terras adjacentes e aí se formou o povoado de Conceição de Jaguary. A paróquia foi criada em 1765 e o primeiro batizado se realizou em 17 de fevereiro pelo vigário Jeronymo de Camargo Bueno. Em 29 de novembro foi elevada a vila; e em 24 de abril elevada à categoria de cidade com o nome de Nova Bragança. "Em 7 de março de 1926, a humilde capelinha passou a Catedral. Bula de nomeação de nosso Bispo D. José Mauricio da Rocha, trás a data de 4-2-1927. S. Excia. Revma. chegou a esta cidade em 19-6-1927 e até agora se acha a testa do Bispo. — E assim de uma promessa nasceu Bragança Paulista".

PELO BRASIL

21 de Abril de 1792. A alva dos condenados a escorrer-lhe pelo corpo esqualido, as grandes barbas e a cabeleira basta a emoldurar-lhe o rosto sofrido, sereno, os olhos postos no crucificado que tem nas mãos, os lábios movendo-se numa prece — Tiradentes pisa o tablado superior do patíbulo. Volve os olhos bons e sonhadores para o céu guanabarrino, azul, porcelanado. Baixa-os, em seguida, para a

multidão que se aglomera pelo Campo da Lampadosa. Um frade começa a rezar o Credo. Chega a última frase... Cavalgado pelo algóz, rodopia no ar um corpo estertorante. Mas a força se erigiu em altar, nesse altar, reverenciamos todos, o grande mártir da Nacionalidade. Muito antes já tivera início a grande caminhada. Nos idos de 1710, em Pernambuco, logo da derrota dos brasileiros de Olinda, no Senado daquela cidade, Bernardo Melo Vieira propôs que se apartassem de Portugal. Seguiu-se em Minas, a revolta de Vila Rica — Felipe dos Santos o primeiro a dar a vida por um Brasil brasileiro. Depois, no século XIX, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte altearam-se pela República. Veio a Independência, aqui no Ipiranga, o jovem Príncipe a clamar pela Liberdade e a fazer-se imperador. José Bonifácio e outros a levá-lo ao gesto heróico. Depois em 1824, — Frei Caneca, no seu jornal, incendiando entusiasmo na Confederação do Equador. Outros movimentos vieram: Os Farrapos, no Rio Grande do Sul; a Setembrada em Pernambuco; a Cabanada no Pará; a Sabinada, com a República Bahiense; a Liberal de Sorocaba em 1842, com Tobias e Feijó à testa. Veio o Manifesto de 1870, clarinada dos republicanos. Sucedeu-se a Convenção de Itu, no abril de 1873. Veio a Proclamação da República no dia 15 de Novembro de 1889, a esperança fazendo-se certeza, o sonho realizado. Como nos contemplam, gloriosos, todos os que deram tudo e nada pediram, e nem diante da morte hesitaram.

Messias

CRONICA DO RIO

OS DOIS — 5 — E O 9 DE JULHO

All Right

5 - é uma data marcante na vida do país. O primeiro, em 1922, assinalou a revolta do Forte de Copacabana, com ramificações na Escola Militar do Realengo, de que resultou o fechamento do Club Militar. Assisti à prisão do chefe do Executivo, ocorrida no Palace Hotel, já desaparecido

e assisti igualmente, ao último lance da revolta do Forte, com a saída dos 18 dos quais um só está vivo, o Brigadeiro Eduardo Gomes. Sairam da cidadela, que estava sob os canhões dos navios de guerra e cercada por terra pela tropa do general Potiguara, e foram ao encontro deste general. Ao chegarem mais ou menos à altura da rua que hoje se chama Siqueira Campos, o general ordenou "fogo", dizimando-os rapidamente. O episódio teve intensa dramaticidade, emocionando a nação inteira. Mais tarde, houve o segundo 5 de julho de 1924, em São Paulo e Mato Grosso, sob o comando do general Izidoro Dias Lopes. Esses dois - 5- de julho representaram o início da revolução democrática brasileira que só terminou em outubro de 1930. Além dos dois 5 de julho, registrou-se já em 32, o 9 de julho, que relembra a insurreição paulista.

Miragaia, Martins, Drausio, Camargo. Quatro crianças, primeiras vítimas de 32, origem da sigla: M.M.D.C. O fusilamento dos quatro jovens na Praça da República, o desfile dos paulista com Silvio de Campos, Ibrahim, ao Q.G., a figura impoluta de Pedro de Toledo, ficou na História quando foi plantada a semente da redenção...

24 anos de Ditadura que terminou com o suicídio de Getúlio Vargas naquele 24 de agosto de 1954.

Brasil, Capital Brasília — uma nova era nacional.
Inaugurada no governo de Juscelino Kubitschek em 21-4-1960.

O que vale aqui é isto. O edificio interior.
Sem o qual os edificios não falam.
Os palácios emudecem.
As estradas não têm vida.
Os viadutos desmoronam...
O candango fez Brasília.
Que Juscelino idealizou.
Que Lúcio Costa traçou. Niemeyer desenhou.
Que Israel levantou.
E o brasileiro sofreu. O brasileiro colaborou.
E ninguém destruiu. Ninguém fugiu.
Daquilo que vale. Valor que é eterno.
Que santifica. Que consagra. Que alteia.
Que perpetua. Essência da vida.
A vida é amor.
Brasília nova capital. Brasília coração do Brasil.

Eu vi Brasília. Tal como a desejei.
Pelo prisma que sonhei.
Sonho que é uma doce realidade.
Capital que é uma doce realidade.
Capital do Brasil. Brasília coração do Brasil.
Brasil do meu coração.

CIDADE MARAVILHOSA

Rio — Ao som da "Cidade Maravilhosa", de mistura com o espoucar de Foguetes, repicar de sinos e ritmo de samba a descer e a subir morros, o Rio de Janeiro engalanado e mais Rio do que nunca, iniciou, a zero hora de hoje, as festividades do seu IV Centenário. O toque de alvorada, salvas de tiros, "Te-Deum" são os principais atos marcados para o dia 20, data consagrada a São Sebastião, padroeiro da cidade. E um gigantesco bolo, o maior do mundo com 1.400 quilos e 400 velas vai ser montado no Maracanãzinho e será cortado pelo governador Carlos Lacerda no dia 1.º de março, data em que o Rio completa 400 anos. Transferida a Capital da República para Brasília, o Rio de Janeiro o continua a ser a mais bela das cidades do Brasil, não só pela sua beleza, como pelo seu espírito jovial e alegre de seus filhos, assinalados entre os brasileiros, como cariocas. E' a cidade maravilhosa cheia de encantos mil, que saudamos neste ano em que está comemorando o seu IV Centenário.

NOSSOS ESPLENDIDOS PLAY-BOYS

Do "Diário de São Paulo"

RESUMO:

Nesta coluna, e há muito tempo, venho escrevendo a respeito da nossa juventude. Sempre defendemos o ponto de vista segundo o qual os jovens refletem, no seu comportamento, as angústias de sua época.

Quem ler a história dos povos verifica que, desde os tempos imemoriais os moços constituíam um agrupamento estanque dentro das sociedades, e sempre eram considerados malucos, boêmios, indisciplinados.

Assim era nos primórdios do calendário bíblico, e assim é hoje em plena civilização existencialista. Os jovens são "snobs" melancólicos, porque na sua solidão rebelde não encontram ideal que empolgue os seus sonhos e as vagas esperanças da adolescência. Dêem-lhes, porém uma responsabilidade; imponham-lhes uma tarefa — e verão que êsses rapazes despreocupados, de costeletas, longos cabelos de Robin Hood, se transformarão em esplêndidos colaboradores: deixarão de ser "play-boys" para se transformar em soldados; e como se estivessem aguardando essa oportunidade, agarram-se ao prazer de servir, de oferecer tôda essa vitalidade juvenil, corajosa e ingênua, a serviço de uma causa. Esta revolução deve muito aos jovens "play-boys" paulistanos. Sim, deve muitíssimo àquêles doidos que descem a rua Augusta como bolidos, à direção de seus carrinhos barulhentos. Êsses moços desengonçados, de enormes pullovers e gravatas frouxas, fazem jús à gratidão e à admiração de todos nós.

Depois do comício da Central, quando Jango se definiu claramente pela subversão comunista, iniciou-se a mobilização civil em São Paulo. Aqui se programou a primeira reação popular contra as desprimorosas referências do ex-presidente ao Rosário, que levou às ruas paulistanas meio milhão de democratas, na "Marcha com Deus pela Liberdade". Desse então, 19 de março, até a eclosão do movimento revolucionário em Minas, e a solidariedade imediata do nosso Estado — aquêles jovens paulistas, filhos das mais tradicionais famílias da terra, compreenderam a gravidade do momento e, organizados por coordenadores civis brincar e se dedicaram generosamente aos encargos que lhes foram cometidos. Ninguém mais os viu pela rua Augusta. Estavam todos mobilizados. O que fizeram no setor de transportes e comunicações, permitiu o entrosamento de todos os serviços da Revolução. A qualquer hora, sob quaisquer condições, os seus automóveis, hábilmente dirigidos corriam de um ponto a outro da Capital; voavam à Curitiba, à Guanabara, à Minas, ao Rio Grande do Sul, levando mensagens e transportando oficiais; ficavam à disposição do QG vinte e quatro horas a fio, como motoristas e mensageiros; não dormiam, não descansavam, não se pouparam; souberam ser discretos e silenciosos; deixaram de tomar o seu whisky, deixaram de frequentar as "boites" e

inferninhos, tornaram-se num passe de mágica, disciplinados e atentos, obedientes e sérios, responsáveis e diligentes. Repetiam, trinta e dois anos mais tarde, a ação heróica e a dedicação dos moços dos moços de sociedade da Revolução Constitucionalista. E, se fôsse preciso, pode São Paulo estar certo de que essa rapaziada iria, em massa para as trincheiras, para as barricadas, para a luta armada.

A que se deve tal milagre? A um quase-nada. Tôdas as virtudes imanentes, dêsses jovens, foram despertadas pela ternura e pela compreensão dos mais velhos. Bastou que se quebrasse a solidão, que se derrubasse o muro que os separava, para virem à tona as grandes qualidades dos magníficos rapazes de São Paulo.

Francisco Luiz Ribeiro

Trecho da Carta Pastoral

"O BRASIL, O CONCILIO, O ROSARIO"

D. José Maurício da Rocha — Bispo de Bragança

Ao desfechar-se, como se desfechou, vitoriosamente, o movimento de 31 de março — 1.º de abril último, foi unânime a opinião de que seu feliz desfêcho salvou da dominação comunista, não apenas o Brasil, mas o mundo inteiro, evitando a queda secessiva de países que não poderiam resistir ao domínio dos vermelhos no Brasil... Quem livrou o Brasil, no dia 31 de março último, do tremendo assalto comunista, que nos estava preparado, e que nos traria além do mais farto derramamento de sangue irmão? Não há uma voz, entre almas capazes de tal visão, que não proclame que foi a "Marcha da Família por Deus e pela Liberdade", realizada pelas Senhoras de Belo Horizonte e de São Paulo empunhando e rezando o terço pelas vias públicas das duas cidades, quem obteve do céu que as nossas Fôrças Armadas e os políticos que a elas se associaram, conseguissem a incomparável vitória de 31 de março — 1.º de abril. Fomos por ela livres, nem só do iminente domínio comunista, mas ainda nos foi proporcionada a esperança de que iremos ter melhores dias futuros, não obstante as dificuldades que ainda não foram resolvidas.

PRECE!

Helena Kolody

Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,
De ser o coração singelo que perdoa,
A solícita mão que espalha sem medidas,
Estrêlas pela noite escura de outras vidas
E tira da alma alheia, o espírito que magôa.
"A Bondade é Jesus que passa..."

MULHERES BRASILEIRAS

(A finíssima poetisa e escritora Maria Rosa Moreira Lima)

Bênção do céu na exaltação da raça,
milagres de Deus na floração do amor,
santificando o crisma e o batismo,
a eucaristia, o matrimônio e a extrema-unção,
nas asas polimorfadas do Cristianismo,
redimindo vivos, ressurgindo os mortos
entremostraram
aos naufragos dos navios fantasmas,
bracejando
nos mares cegos, surdos e mudos do destino,
... os cais azuis coalhados de esperanças!
Sob o desvario, a ignominia e a opressão
dos homens, sem pátria, sem lar e sem fé,
conspurcando, violando e atraçoando
a terra em que nasceram às sombras da cruz,
os filhos e as espôsas, os pais e os avós,
desfraldaram
as bandeiras de Cristo da libertação.
Com as almas estrugindo e os corações rezando,
misto-
de incenso e fel, aroma e aculeo, adaga e lira
salvaram
na antevisão do eclipse total,
com o rosário nas mãos: "Agora ou Nunca"
a família e a paz, a ordem e a religião
Símbolos

da Independência, da Lei Aurea e da República,
"Nas marchas com Deus pela liberdade"
"No bem do Ouro para o Brasil"

Sublimaram

as fontes ancestrais da caridade,
os painéis redivididos da pintura,
a ascensão universal da música,
os poemas sem palavras da escultura,
e as vozes sempiternas da poesia,
sincronizando,
na orquestração do Mundo-Nôvo,
a sinfonia da imortalidade!

Laurindo de Brito

São Paulo, 23 de maio de 1964

A SEMANA E A CIDADE

Foi uma grande, uma extraordinária semana, esta que passou. Nestes últimos sete dias, que mais parecem um século, tais as emoções que oferecera, a população paulistana viveu intensamente: Na segunda feira, 30-3-1964 rumores de toda a espécie intranquilizaram a Cidade; na terça, as notícias de que o comandante do II exército decidira unir-se à causa da libertadora e de que as nossas tropas se dirigiam ao Rio de Janeiro, explodiu como petardos, galvanizando o povo; no dia seguinte, a ocupação da antiga Capital Federal e a fuga de Goulart agiram como detonador da tremenda carga cívica que se abrigava nos corações, fazendo que se registrasse aqui um júbilo aproximado do delírio. Durante horas, toneladas de papel picado desceram das sacadas dos arranha-céus, edifícios públicos, enquanto milhares de foguetes e rojões levavam aos céus da Capital o brado de civismo e alegria dos paulistanos. Nas ruas, centenas de milhares de cidadãos abriram-se os braços, na mais comovente das confraternizações. Era a quebra da tensão, o fim das noites mal dormidas, o epílogo de um pesadelo que turvava o porvir da família brasileira. Era a Vitória, o renascer da Democracia, a certeza de dias melhores, o otimismo que reconstrói nações."

Brasília — 15 de abril de 1964 — Em duas cerimônias realizadas, uma no edifício do Congresso Nacional, outra

no Palácio do Planalto, o mal. Humberto Castelo Branco, eleito dia 2 pelo Congresso, tomou posse e assumiu o cargo como 20.º presidente da República, para completar o quinquênio presidencial iniciado a 31 de janeiro de 1961.

MUNDO DESPEDE-SE DE CHURCHILL

Londres — 30-1-1965 — A Grã-Bretanha despediu-se de Sir Winston Churchill. Pouco mais do meio dia começou a lúgubre melodia do "Last e Pos", com a qual os britânicos despedem-se de seus mortos. Em seguida a Rainha Elizabeth e os distintos representantes de 112 nações de todo o mundo murmuraram seu último "amen". Dêsse momento em diante Churchill pertenceu à sua família e à História. Foi sepultado em um humilde cemitério rural, próximo do Palácio de Blenheim, onde nasceu e como desejou.

PRESTES MAIA

27-4-1965 — Ontem seu corpo repousava na Biblioteca Municipal. De quantos desfilaram, apresentando suas últimas despedidas, poucos, tão poucos sabiam que duas décadas atrás, aquele mesmo homem fizera construir aquele mesmo edifício, como parte de um programa de urbanismo que transformou a provinciana São Paulo na São Paulo metrópole. Morreu o prefeito. A cidade inteira lamenta a morte de quem mais a amou.

POVO NAS RUAS COMEMORA JUBILEU DE WENCESLAU

Itajubá — 15 de novembro de 1964 — Comemorou-se hoje, em Itajubá, o cinquentenário da posse do sr. Wenceslau Braz na Presidência da República. Já pela madrugada, esta cidade apresentava-se festiva. Às 5 horas a alvorada de clarins pelo 4.º BE Cmb e o espoucar de fogos, fizeram que toda a população viesse às ruas, e num turbilhão se dirigisse para a residência do insigne varão, Wenceslau Braz,

que no dia 15 de Novembro de 1914 assumiu a presidência do Brasil.

... Foi um desfilar de itajubenses, de autoridades e de moradores das cidades vizinhas, diante a porta do casarão, onde reside, conforme as palavras de saudação de Jua-rez Távora, "um dos maiores varões de nossa terra". Às 10 horas foi oficiada missão em ação de graças, no edifício da capela da Santa Casa local, assistida pelos filhos, netos e bisnetos de Wenceslau Braz, autoridades e grande número de populares. À tarde os estabelecimentos de ensino e o batalhão do Exército sediado em Itajubá desfilarão pelas ruas da cidade, dirigindo-se para a praça Wenceslau Braz, onde reside o presidente. Ali uma imensa multidão aclamou durante quase duas horas o "filho mais querido de Minas". O presidente Wenceslau, vindo até à sacada de sua residência para agradecer as homenagens, com muito custo conseguiu sustentar as lágrimas que teimavam em lhe aflorar os olhos. Por fim vencido pela emoção, o presidente chorou, o povo o aclamava, as crianças gritavam por seu nome, bandeiras, bandeirolas e estandartes eram acenados, todos queriam gritar mais forte, para que o presidente sentisse que o seu povo muito o ama.

(De Almeida Brandão e Tarcisio Mota)
(Enviados especiais do "Diário de S. Paulo")

... Hoje, a vida tranquila na cidadezinha mineira, o aconchego amoroso de numerosos descendentes, o respeito e o carinho dos seus conterrâneos, orgulhosos dele; uma saúde conservada através de hábitos sadios, com plena lucidez mental; um passado político honroso e nobre, sem deslealdades, êle vítima delas, mas sem ressentimentos; católico de fé íntegra, devoto de Nossa Senhora Aparecida, a cuja Basilica foi, mais de uma vez, em romagem de sincera piedade; amigo do Têrço do Rosário, que desfia à hora do "Angelus", nos belos crepúsculos de Itajubá eis o que é a vida dêsse ilustre sobrevivente da república de 89, na sua feliz anciania, exemplar de dignidade no exercício dos cargos públicos, padrão de chefe de família, paradigma do homem bom. Concluiu o presidente o seu quadriênio e foi para a sua Itajubá, reencetar seu hobby as pachorrentas pescarias, em que êle foi "craque" no apanhar dourados, conforme disse agora em entrevista.

"Bilhete do Rio de "A Gazeta"

O PERIGO DO COMUNISMO

Oswaldo Russomano

Nestes últimos tempos, com uma insistência notável, vem sendo apregoada a ameaça que pesa sobre o nosso povo da disseminação do comunismo no Brasil.

Para justificar a propagação das idéias comunistas entre nós, invocamos interessados, como razão ponderável, a crise que assoberba o país e a miséria em que se encontra grande parte do povo brasileiro. Entendem êles que um povo com fome aceita e abraça com entusiasmo qualquer credo político e qualquer corrente de idéias, uma vez que visem minorar as suas prementes necessidades.

São sempre as mesmas as razões apontadas por aqueles que costumam ver através dos óculos pretos do pessimismo os homens e as coisas do nosso país. No fundo do quadro negro das suas esquisitas cogitações, surgem, apenas, enlaçadas por fios de estopa, algumas figuras grotescas simbolizando a eterna imagem do "país à beira do abismo"...

Não pretendo negar a situação aflitiva que, por motivos sobejamente conhecidos, todos nós atravessamos. Mas, daí a afirmar-se que o povo brasileiro vai receber de braços abertos o nefasto comunismo, vai muita distância. À índole ordeira e pacata da nossa gente, cujas tradições de patriotismo constituem justo motivo de orgulho, repugnam os processos usados pelos adeptos de Lenine. Aos brasileiros não passa desapercibida a obra sanguinária e desumana levada a efeito pelos comunistas na grande pátria de Tolstoi, hoje, infelicitada pela cegueira dêsses maus patriotas.

Paul Marion, no seu recente livro "O Paraíso Moscovi-ta", descreve os horrores do comunismo na Russia. As cenas por êle narradas no interessante livro, pela frieza e perversidade com que são praticadas, comovem e impressionam. Mas, não será preciso repisar, aqui, aquilo que é de todos conhecido. Como, pois, admitir-se o apoio de um povo livre, cioso do seu passado de honestidade e de trabalho, a uma doutrina que fere em cheio os mais sagrados princípios da democracia?

O perigo comunista, a meu ver, não passa de um mito. No Brasil, o regime comunista não encontra, não pode encontrar, campo propício para a sua implantação. A propaganda, que em forma de advertência, por aí se faz, terá fatalmente que cair em terreno estéril. Os folhetos anônimos e as obras pagas pelo Ouro de Moscou, não logram convencer os homens de bom senso, perdendo-se, portanto, no ar as clarinadas estridentes dos arautos do movimento pró comunismo. O trabalho de penetração da teoria russa fica, assim, circunscrito a um reduzido número de pessoas que ainda acreditam nas promessas tentadoras dos rubros comunistas.

A hora amarga de aperturas há de passar. Tenhamos confiança no futuro. E o amanhã radioso virá encontrar o povo brasileiro na mesma atitude serena em que o surpreendeu o descalabro financeiro dos tormentosos dias que correm: trabalhando pelo engrandecimento da pátria e detestando a teoria pregada pelos Lenines de todos os tempos e de todas as nacionalidades.

(O artigo acima foi publicado no "Bragança-Jornal", de 14 de junho de 1931).

"MORREU O HOMEM QUE DIOGENES PROCURAVA"

Por Gilberto Carlos Leiferi
(12 anos)

John Fitzgerald Kennedy não vive... Diogenes pode voltar a acender sua lanterna, em busca de outro homem.

No cemitério de Arlington, repousa êsse Alexandre do século XX; herói da paz, paladino da democracia, líder da política mundial e paradigma de espôso e chefe de família.

Perdeu a Macedônia, sua supremacia, outro Grande, surgiu na história. — Alexandre não está só.

Em Kennedy convergiam todos os atributos de leader e de homem, que somente a força dos séculos pode fazer renascer. — A busca incessante de Diogenes nestes últimos 2.000 anos, não pôde ser interrompida com o advento do que

hoje, já se pode chamar de "a era de Kennedy". Agora, morto êsse grande estadista, o cenário político mundial conchama novamente Diogenes a reiniciar seu secular trabalho.

Retorna pois, Diogenes a proceder tua busca, já que o homem, há tanto procurado e recém-encontrado, está morto.

Acende tua lanterna; talvez séculos passarão antes que voltes a encontrar outro Homem, outro Kennedy.

Oxalá, o fogo simbólico, que arde na pira ainda ontem acesa no Cemitério de Arlington, numa simples tumba em declive, ao lado dos heróis da liberdade e da democracia, que não pertencem aos norte-americanos, e sim ao mundo — possa te servir de amuleto.

Acenda-a lá ó Diogenes. As centúrias do tempo serão tuas únicas colaboradoras.

"Diário de São Paulo" 29-11-1963

EM 1932...

Em 1932 o povo paulista deu o mais caro exemplo de patriotismo ao levantar armas contra o perigo que ameaçava a constituição brasileira.

Bragança Paulista, que sempre foi um baluarte dentro dêste Estado gigantesco, contribuiu com o sangue de seus filhos nessa página imortal dos paulistas.

Assim ao comemorarmos o 103.º aniversário de nossa comarca não podíamos esquecer aquêles que souberam, nos campos de batalha honrar a terra em que nasceram.

Dentre os bragantinos que partiram para o "front", 12 não regressaram. Foi o preço da nossa constituição.

A "ÊLES" que tombaram nas trincheiras, as nossas homenagens: CAP. CELSO DE ALMEIDA BUENO, BENEDITO LOURENÇO BUENO, ANTONIO DOS SANTOS, ELIAS BEDRAN, BENJAMIM CAPUÇO, CARLOS GONZALES, CICERO LAMARTINE DA SILVA LEME, DULCÍDIO CAMARGO GONÇALES, WALTER SCAGLIONE, JOSE' GUIMARAES, JOSE' MARQUES GINEZ, JOSE' DA SILVA.

Outros partiram com o mesmo destino, mas a sorte lhes foi mais favorável, e ainda hoje vivem entre nós. A êles o nosso respeito e a nossa admiração.

DIA DO TRABALHO

Resumo de uma palestra feita pela prof. D. Noemia Vasconcellos Name

A vida é trabalho; é luta de todos os dias mas o trabalho e a luta dignificam o homem. O homem que não trabalha é inútil, não vive, passa pela vida sem entrar nela, e a ociosidade é o pior dos vícios. Outrora, antes do cristianismo, entre os povos pagãos era aviltante e humilhante o trabalho. Platão diz que na Grécia quem se dava ao trabalho não era digno do nome de cidadão. Cícero chamava aos operários gente desprezível e bárbaros. Mais tarde o Gólgota, com reabilitar o homem e a mulher, ensinava a humildade a mais sublime missão e abria-lhe horizontes novos. O trabalho é uma grande honra, pois, é o cumprimento de um dever. Para que o nosso trabalho seja eficiente é preciso perseverança, constância. A perseverança é a chave do sucesso. É a própria natureza que nos ensina. O sol é perseverante em vivificar a terra inteira, os rios em despejar suas águas no oceano e o orvalho da manhã em verter, todos os dias, no cálice da flôrzinha, a gota de água que lhe dá vida. Bem sabemos que não fomos criados para o prazer, nem para o sofrimento, fomos criados para a ação, a fim de que cada dia que desponta, nos encontre adiante do outro.

O SONHO DE ICARO

(E. N. S.)

Os homens tentam imitar os pássaros desde que Leonardo da Vinci procurou projetar uma máquina movida pela força humana, com asas móveis como as dos pássaros, e se nos lembramos da lenda grega de Icaro — desde muito tempo antes disso. Icaro — prendeu asas a suas costas, com cera, mas, infelizmente voou debaixo de sol forte e a cera se derreteu e ele caiu no mar.

O COMETA

“Nos tempos pioneiros do comércio no Brasil, surgiu um herói, o Caixeiro-Viajante. Figura importante nos ser-

tões brasileiros, levando notícias, fazendo negócios. Ficou famoso. Ganhou apelido, “Cometa”, porque como os astros, aparecia de tempos em tempos, de cidade em cidade. Os anos passaram, mas a profissão ficou e desenvolveu-se. E hoje, há milhões de viajantes cruzando o Brasil em todas as direções, levando progresso, bem-estar e conforto às populações mais diferentes”.

DESAPARECE “RAINHA DO COSMETICOS”

A morte de Helena Rubstein, foi a manchete em todo mundo; era considerada nos Estados Unidos, a Primeira Dama da Ciência, Beleza e “Rainha” dos negócios de um bilhão de Dollars, anuais. Era quanto ela faturava com seu grande império de cosméticos, espalhados por todo o mundo. Na prática, nunca seguiu o conselho que dava a milhões de mulheres, desculpando-se “Tenho muito trabalho e não tenho tempo a perder”.

BORRÃO

Francisco Cesa Palma de Araujo
do seu livro “Musa de Concreto”

A noite cai, fazendo as horas mortas
retumbarem tristonhas pelas portas,
zumbando de meus passos, de meus ais,
torcendo os meus sonhos de um “jamais”...

A noite cai, saliente e assustadora,
em um perfil de morte, qual se fôra
medievo gigante de mil braços,
e mil olhos, que são os focos lassos...

E eu, nesse naufrágio de minh'alma,
medito se a neblina que é tão calma,
e desce suavizando a noite imensa,
misturando os perfis, suave a densa,
não é obra de algum anjo bonachão,
que, a sorrir, borra a noite e a solidão...

POR QUE?

Crônica de Nina Rosa — 1948

Por que será que quando penso em Você, tudo na vida, deixa de ser o que é para ser justamente aquilo que deveria ser? Há sempre pelas tardes lindas, um silêncio de desejos secretos, de profunda penetração que revolteia, incensando os jardins, despetalando as rosas... É por tardes assim, que se ouve uma balada triste, com qualquer coisa de azul explodindo na luz macia do crepúsculo. Por que será que a saudade vem incendiando o ar, queimando o coração da gente? Por que em tudo há um certo encantamento, onde há palpites de azas? Porque... Porque Você representa a beleza da vida e para a vida não há palavras... Ela é um silêncio calado completo, é a luz penetrando na própria luz... é tudo!

"A ROSA DE OURO"

A concessão da "Rosa de Ouro" constitui uma honraria que de tempos a tempos a Santa Sé presta a nações, santuários ou templos. Em 1888 foi atribuída ao Brasil, sendo agraciada a Princesa Isabel pela promulgação da "Lei Aurea" que libertava os escravos em nossa Pátria.

A ROSA E A VIOLETA

Raimunda Cordeiro Cavalcanti
(da Assoc. Bragantina de Imprensa)

(A MARIA AUGUSTA VASCONCELLOS DINIZ)

Não se cansava a rosa
De decantar seu valor:
— Minha beleza — dizia
É única mãe-natura.

Reparem no meu vestido — frocadinho, bem talhado

...E que perfume que exalo!...
Quem resistir já ousou
Aos grandes encantos meus?
Tudo que é nobreza, por este mundo afora,
Já se prostou a meus pés...
De rainha me chamaram
E como tal sou tratada.
Todos estão a sentir,
A sentir inveja de mim.

Do seu cantinho fêz-se ouvir
A humildade violeta:
— Tua vaidade, amiga,
Te faz fútil e insensata,
De ti nada invejo e até tenho dó.
Já pensaste na vida, no fim que todos teremos?
Hoje mereces carícias de uma princesa
Que te afaga e te beija...
Amanha emurchece, perdes o viço:
Teu pó se junta à poeira do infinito;
Quem te enchia de carinho e ventura
Já não te quer, e no desprezo imerges.
— Que é feito do teu prestígio e encanto?
— Quem mais se lembra de ti?
A felicidade — te asseguro,
Não está neste vale de lágrimas,
De misérias e infortúnios.
Logo cedo aprendi a filosofia da vida:
Não quero ser lembrada para não ser olvidada;
Não quero ser vista para não ser criticada,
nem criticar

Qual o Divino Mestre — não rio, para não ter que chorar

Somente uma vaidade eu tenho:
A vaidade de não ter vaidade
Andei sempre escondida
No templo denso da folhagem,
Onde penso, medito, oro e ouço
U'a mensagem que o céu me envia:
"Vive bem e morrerás bem".

CONSÓLO

(Tribuna Bragantina)

— Mamãe eu quisera ter
Aquela montanha além...
Com aquilo, meu doce bem?
— Eu quero subir no céu
Assim poderei passear
Naquêlê branco corcel
Na noite em que houver luar...
Ao ver do filho inocente
Aquêlê infantil desejo
Em sua testinha quente
A mãe lhe depõe um beijo.
Olhando no filho amado
O mal da paralisia
Um riso desfigurado
Brotou-lhe na face fria.
Agora o tempo passou
E a mãe ao ver o luar
Do filho que Deus levou
Em pranto põe-se a lembrar.
Assim, com a imaginação
Dispersa no negro céu
Vê o filho do coração
No lombo de seu corcel...

Leonilda I. Spina
27-4-1962

O QUE É?

RESUMO:

O que é que nas horas vagas de agonia, quando se traz na frente a marca estigmatizadora da morte, nos conforta? O que é que quando no semblante pálido se crispam ritos de dôr e amargura, nos alenta? O que é que quando pára titubeante, andando ao léo, recalcando no íntimo de sua alma mutilada pela dôr, máguas incontidas, lhe dá paz e lhe faz pairar nos lábios, um sorriso de resignação?

O que é que na sua infinita grandeza, é a grandeza dos humildes e a humildade dos grandes?
Tudo isto é "A FE' EM DEUS".

"Bragança Jornal"
Dirce Ladeira Bernardi
6-8-1960

VALORES PESSOAIS

Getúlio Daniel de Souza Filho
(Da Assoc. Bragantina de Imprensa)

O! quanto é admirável a vitória de indivíduos que se destacam na vida, isentos de preparo intelectual conseguidos em escolas superiores — vemos pois, em Abrahão Lincoln, o ilustríssimo estadista norte-americano que atingindo a alta magistratura dos Estados Unidos, havia sido em sua origem humilde, um modesto rachador de lenha, sendo portanto, para as gerações contemporâneas e futuras, o inconfundível e magnificente exemplo, dos que triunfam através de esforços próprios.

Todavia, os atos de homens de tal personalidade, devem ser fundamentados na virtude da honestidade e altruísmo cristãos, traduzidos em atitudes limpas, sempre no afã de realçar e enaltecer destemidamente, o belo e o bom, realizando algo para a posteridade e ainda, em qualquer circunstância, respeitando sempre as convicções, políticas e religiosas de todos.

Concluindo, dizemos: "É BOM SER IMPORTANTE, MAS O IMPORTANTE MESMO, É SER BOM".

OS "LEMES"

Quem quer que consulte a história administrativa e política de Bragança verificará a magnífica atuação dos "Lemes" no desenvolvimento intelectual e no progresso material de nossa terra. Martim Leme (o primitivo apelido era Lems foi corrompido para Lemes-Leme) da cidade de Bruges nos comandos de Flandres nos países baixos, estabele-

ceu-se em Lisboa, de onde seus descendentes passaram para a Ilha da Madeira. Pelos anos de 1550 rumaram para a villa de S. Vicente, na Capitania de São Paulo.

Antonio Leme da Silva que foi o 1.º Juiz Ordinário de órfão por eleição quando "Conceição de Jaguary" foi elevada a vila. Mudou-se de Mogy-Guassú para os sertões de Jaguary no ano de 1774, onde viu abrir fazendas, tendo tomado parte em lutas na defesa dos direitos territoriais na fronteira de Minas. Acompanhavam-no duas irmãs: Ana Leme que já veio casada de Mogy-Guassú e se radicou em S. José de Toledo. E Thereza Leme que aqui se casou em 1782 com Joaquim da Cunha Maciel tronco de uma enorme descendência. Pelas datas se dedúz que a maioria dos primitivos habitantes de Bragança, descendiam dos três irmãos que entrelaçados com as famílias tradicionais ajudaram a construir Bragança. Numerosos descendentes d'esses Troncos casaram-se com filhos de portugueses, italianos, espanhóis, franceses e outros, de sorte que atualmente, a expressão de "Lemes de Bragança" já não tem mais o significado que se lhe dava outrora.

"SURSUM CORDA" de "A Cidade de Bragança"

MARÇO, 1951

"Sursúm Corda" expressão latina traduzida no nosso idioma, significa: "Levantai os corações ao alto". Sim levantando o meu coração ao alto dou graças ao Senhor nosso Deus, pelos benefícios que Dêle recebi no decorrer de meus vinte anos de atividade jornalística no cargo de correspondente das "Folhas", nesta cidade. Agradeço primeiramente, porque possuindo apenas diploma de curso primário, não fôsem as suas bênçãos e proteção não poderia obter os meios para desenvolver atividades na imprensa. Penso ter, nesses vinte anos, contribuído para que nossa Bragança Paulista se tornasse mais conhecida em todo o Brasil, principalmente na capital e no interior paulista com as reportagens que foram publicadas pela "Folha da Manhã".

Zeferino Vasconcellos Filho

OS ALBUQUERQUES EM BRAGANÇA

Adalzira Bittencourt

Para terminar a apresentação de meu pai vou falar de seu amor.

Durante as suas viagens, meu pai era o traço de união dos três irmãos. Os três solteirões! Nas viagens se encontrava com tio Frederico, e depois de cada uma dessas andanças visitava o tio Américo, que tinha já algum negócio enganjado, esperando que o irmão mais velho lhe trouxesse o dinheiro. Os três eram sócios.

Enquanto tio Américo permanecia na fazenda com seus gatos, os dois viajantes andavam pelo sertão, apadrinhando crianças, porque, queridos como eram, passaram a ser amigos dos sertanejos, batizavam-lhes os filhos, testemunhavam os casamentos, levavam as pequenas encomendas pessoais, sem o fito de lucro; levavam presentes vários, era o correio, o mensageiro da civilização, porque levavam livros, jornais, as notícias orais, os comentários políticos e as anedotas. Eram ainda os juizes das contendas, os protetores, verdadeiros amigos enfim. Tratavam dos negócios dos compadres, compravam os vestidos das comadres, tinham hospedagem grátis, com banquetes e pagavam essa hospedagem gentil e graciosa com presentes de toda espécie.

Nos tempos de caça, meu pai por lá ficava nas selvas matogrossenses meses a fio, caçando, seu esporte predileto, Metia-se pelo mato e na volta trazia sempre veados, pacas, perdizes, etc., por isso nas casas dos compadres guardava sua matilha de cães.

Quando meu pai chegava a um daqueles lugarejos ou cidades, havia uma grande festa. Muitas vezes com bandas de música e sempre com rojões e foguetes:

- Chegou o cometa!...
- Chegou o cometa!...
- O cometa trouxe o vestido da Zefa...
- O cometa trouxe os remédios de tio Bento...
- O cometa trouxe jornais do Rio e São Paulo...
- O cometa trouxe os romances que o Jorge Elias encomendou e vai nos emprestar...
- O cometa era alegria da cidade...
- O COMETA ERA MEU PAI!

SAUDADE

Rubens Ayres Ferreira

Tenho um grande amor
que se chama Natureza Humana!
Gentil às vêzes,
outras vêzes agressiva, maldosa,
repulsiva!
Assim transcorrem dias e meses,
em que sorrisos e alegrias
se misturam à dor e à nostalgia!
Há um vulto de mulher
nas manhãs cheias de sol!
E as árvores se agitando,
folhagens esverdecentes
farfalhando, sempre e sempre
bailando!
Sentir a brisa cálida
poderia, talvez,
dar idéia pálida
em meio a todo o firmamento
do que seja
intenso sofrimento!
Voltar ao sonho antigo,
— quem me dera!
Em que meu coração se aninhava
em doce abrigo,
e meu ser, aquietado,
cheio de calor,
imaginava eternizado
um sublime e grande amor!
Meu último beijo,
— oh! se me lembro!
— em lábios frios, sem vida,
foi a derradeira despedida
à minha companheira tão querida!
Depois,
agora,
tudo mergulhou em solidão profunda,
longe e mais longe distanciando
de alguém que jaz em fria tumba!

Digo, então, amar tôda a humanidade
para compensar eterna ausência
de quem deixou-me mergulhando em dôr
e saudade!

E, meu coração, enternecido,
sorri com tristeza,
algo embevecido,
ao escutar alguém
chamar a outro de "meu bem"!

GREVE GOSTOSA . . .

(Especial para o BRAGANÇA-JORNAL)
Schmidtinho

De tôdas as greves havidas aqui em São Paulo, a dos jornalistas, para mim, foi a melhor. Foi uma greve gostosa, simplesmente ótima. Fiquei dias sem tomar conhecimento dos progressos dos foguetes dos amigos Kennedy e Kruhshév, bem como dos seus constantes discursos de metro e meio... Não tive notícia de novas promessas do sr. Presidente e srs. Membros do Conselho de Ministros a respeito de próximos barateamentos e comidas fartas e fáceis; não se disse nada, naqueles dias, a propósito das importantíssimas pessoas dos jota-jotas: JK, JG, JQ... Até do caro patriócio, ex-gerente aqui da Capital, que regressou da Europa em companhia da sua respeitável barriga, nada se soube... Esse silêncio sobre tudo e sobre todos fez um bem danado, produziu o efeito de uma verdadeira ducha refrigerante nestes dias de calor insuportável. Para o cérebro, foi uma delícia, deixando-o em repouso absoluto, refrescando as idéias...

MEIO DIA EM MINHA VIDA

Leonilda I. Spina

Seis horas da manhã... O despertador alerta-me, e, olhos entreabertos, percebo que é o tempo de iniciar a jornada cotidiana.

Eis-me apressada a ganhar a rua em direção à estação... Sempre a mesma rotina.

Um ou outro transeunte agora encapotado com o frio... O sr. Effenberg, à porta da Pêndula, impreterivelmente... O cheirinho delicioso do pão na padaria...

O correio, com o relógio sempre a me torturar, quando saio um pouco tarde...

O fim da rua, felizmente... A estação, a bondade dos ferroviários...

A chegada da liturina... A graciosa liturina, que me leva a meditar, sob os acordes sonoros e ritmados do barulho das vidraças e das rodas a roçarem agilmente os trilhos.

Campos ainda revestidos de gotículas de orvalho... Várzeas onde só restam as cabecinhas de taboas...

Cêrcas... taquarais... capim verdinho... Milharal sêco, vergado como em continência ao pôr do sol.

E o astro-rei, ainda cambaleante, arregala os olhos pálidos e sem brilho para descobrir os mistérios da neblina espessa, branquinha como sorvete de limão...

Os pontilhões... a estação de Curitibaanos... Novas plantações... A parada 64...

Os dois alunos que aguardam na cêrca a vinda da professora... Tiritando de frio, pèzinhos espertos no chão úmido.

As cêrcas, vergadas de campainhas entreabertas... A paineira pendente de flôres lilazes... A igreja, os três mastros coloridos, o pátio... a escolinha.

A escolinha, que já faz parte da minha vida... O sininho de metal a tinir...

Os brinquedos de roda... A corrida do ratinho... O "Tango, tango morena"...

O jôgo do "lig-lig" de matéria plástica... Aquela atmosfera sã de sorrisos entreabertos como os lírios do campo...

O sininho a tinir novamente... A corrida para lavar as mãos e tomar água num pôço próximo...

Novamente as lições, os avisos, os conselhos... A hora se aproxima... Ponto final. Como no princípio, a "Oração à Pátria", a "Ave Maria", o cântico do "Meu Limão, Meu Limoeiro"...

—Até amanhã, D. Leonilda!
Sinto-me sorrir... Um sorriso que brota n'alma, ao vencer, tranqüila, mais meio dia em minha vida...

"LONGE DOS OLHOS"

Geraldo Irineu de Moraes

Adeus, adeus; aqui, longe dos olhos;
Talvez possa olvidar que te adorei!
Sangrei o peito e os pés pelos abrolhos
Por onde, entre soluços caminhei!

Vim deixando, no horror dêsses caminhos,
Entre as bagas de suor que derramei,
Tintas de sangue as pontas dos espinhos,
Belos golpes cruéis que suportei...

Mas si é cruciante a dor destas feridas,
Há chagas bem maiores, mais doridas,
Por golpes mais atrozes que provei...

Mentira, ingratidão... quantos abrolhos...
Adeus, adeus. Aqui, longe dos olhos,
Talvez possa olvidar que te adorei!

O "V" DA VITÓRIA

RESUMO:

"Bragança Jornal"

Expedicionários bragantinos, heróicos soldados... Tu... defendeste com o brilho, com valor varonil a nossa terra. Sonhando com a sua Pátria de horizontes infindos e um soberbo Sol poente, o formoso crescente da Fé, penetrou em seus espíritos e no dia 10 de agosto de 1945 o V da Vitória, debaixo de músicas, flôres, bandeiras desfraldadas, risos e lágrimas de comoção as mães Bragantinas receberam seus filhos!... Fizeram de seus braços, um berço de ninar, volveram seus olhos ao passado e agradeceram a

Deus o retórno de seus filhos saídos do sibilar das balas, dos canhões chamegantes.

"E' só pensar em volver ao meu Brasil, de rever os meus e respirar o ar ameno de Bragança sinto que tudo para mim sorri e me fortalece a esperança. Deus ouviu esta prece, oração de saudade e sofrimento do saudoso Demerval Oliveira Leme, e fê-lo sentir como soldado valoroso cheio de glória, o seu Grande Poder. E eu rendo homenagem ao Cabo Basílio Zecchin Júnior, morto heróicamente nas Trincheiras e aos pais dêste grande herói.

E com Nicolino dos Santos:

"Honra teu filho querido
Cujo sangue na Europa deixou
Valente, Leal, Destemido
A Bênção da Paz nos legou..."

A Demerval Oliveira Leme, o meu grande preto de saudade.

Carlinda de Brito
10-8-1960

TIPOS POPULARES

"Cidade de Bragança"

RESUMO DE ARTIGOS:

de Waldemar Bittencourt

NAS BRUMAS DO PASSADO

Sentados no tósco, porém agradável banco de nossas recordações, vamos pacientemente desfolhando as pétalas róseas de nossas saudades.

"Recordar" ou "ressucitar" os nossos tipos inesquecíveis que marcaram época em Bragança, é o que vamos tentar fazer em sucessivas crônicas.

Soprando a poeira do tempo, aí está o Raymundinho com quem convivemos há um quarto de século. Mentalmente estamos vendo-o perambular pelas ruas da cidade. De temperamento afável, êle se fazia querido de todos os bra-



Grupo de Voluntários bragantinos no "Tunel"
"Revolução Paulista — 1932"

gantinos. A sua epiderme era exatinha da côr de jaboticaba no ponto de apanhar. Nunca fôra visto "envergando" uma fatiota, como também, nunca usara sapatos.

Não tinha profissão definida e por isso defendia o "seu pão de cada dia" "biscateando". Raymundinho era o que nós chamamos na gíria: "pau p'ra tôda obra". Mas, o forte daquele que fôra em vida uma das pessoas mais estimadas no seio dos bragantinos com a cristalina água da biquinha. À noite, perambulava pelo centro da cidade, distribuindo palpites de bicho. Porém, se não falha a memória, êle nunca fôra prêso, e aí se alguém o levasse para as grades.

Era o seu hábito, sentar-se nas horas de folga nas cadeiras do Bar Central do ex-largo da Matriz, e "tirar" as suas "gostosas sonecas" sem ser... molestado. E, foi justamente, numa dessas tardes, que se entregara inteiramente aos braços de Morfeu que a sua grande alma abandonou seu corpo, subindo diretamente para o Céu...

3-4-1955

UM CREADOR DE BANDAS

Bragança Paulista já possuiu um, dentre os maiores músicos do Brasil. Chamava-se HERMOGENES DE PAIVA. A sua vida estêve sempre envolvida nos bemois e nos sustenidos.

HERMOGENES DE PAIVA foi um grande Maestro e nasceu no século passado. No ano de 1887, por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro Bragantina S.H. a felicitou diante dos olhares curiosos do público presente e dos componentes de sua famosa banda "15 de Outubro".

A sua banda, ou melhor, o seu piston brilhava em tôdas as ocasiões, mormente nas principais solenidades cívicas e patrióticas.

Tanto é verdade que seu conjunto musical foi unanimemente escolhido pelo povo bragantino para tocar na passagem do século; por ocasião da data do quarto Centenário da Independência do Brasil e distinguida para recepcionar Sua Excelência o Dr. "JORGE TIBIRIÇÁ".

Esse foi, sem dúvida alguma, o maior músico bragantino.

22-5-1955

Com fitinha azul, e tudo... Certa ocasião aqui apontou um "grande" circo zoológico, trazendo como principal atração um velho leão. Um pobre leão velho... contudo, êle era o leão. Como sempre, o "clássico" "pernas de pau" veio p'rá rua anunciar o espetáculo. Finda a passeata pelas ruas mais movimentadas da cidade, o "pernas de pau" pediu silêncio à molecada. Depois gritava de seu segundo andar, se vocês quizerem ver o "Nero" trabalhar, terão que trazer um bichano... À noite, na porta do circo só se ouviam lamúrias de gatos... E, só agora o nosso querido Zé Garcia ficará sabendo o rumo que tomou o seu mimado angorá, que foi p'ro peito do "Nero" com fitinha azul e tudo.

Deixou saudades os suntuosos banquetes que o nosso tão popular Zé Garcia oferecia aos amigos nos seus salões rosa e dourado; hoje já não pode arcar com trabalho assim. Mas o nosso velho amigo continua a receber na sua casa modesta e tem prazer em mostrar o seu curioso museu.

UM PERÚ BOÊMIO

Feio, alto, magricela, vermelho como um pimentão e possuidor de um narigão que faria inveja ao próprio Jimmy Durant, viveu por muitos anos em nossa cidade espalhando bom-humor e contagiante alegria em nossas "rodinhas" boêmias, um rapaz sob a alcunha de Perú.

Todos nós gostávamos dêsse moço, porém êle não tolerava o seu feio apelido que lhe casava como uma luva.

Como as crianças não lhe davam tréguas, nada mais natural que o nosso biografado de hoje não "morresse de amores" pelos petizes... Assim foi o popularíssimo Perú, de nossas rodinhas boemias e de notivagos, que passou nos céus dos nossos pensamentos como um meteóro, deixando marcada a sua passagem com os seus característicos traços que eram a sua própria fotografia.

3-6-1956

LUCIFER DE OLHOS DE FOGO

Bragança iria enfim possuir o seu primeiro carro movido à gasolina. Seria, não há dúvida, uma verdadeira glória para o nosso município.

Mas, que espécie de auto seria a "Itala" importada diretamente da Itália pelo "arrojado" Nicolino

Essa iniciativa de Nicolino Nacaratti, era mesmo de "embasbacar". Num meio de grande expectativa e nervosismo, chega, triunfalmente, a "possante" máquina adquirida pelo Nicolino, a qual demorou três dias e três noites para vir de São Paulo à Bragança.

Segundo relato, que colhemos de fontes merecedoras de crédito, o Nicolino foi vivamente aclamado em praça pública e recebido, ao som de bandas... Afirmaram-nos também, que o aspecto do carro era dos mais curiosos, não só no seu desageitado tamanho onde se destacava a lataria lustrosa, as lanternas laterais, os faróis das comunais e a "fumaceira" infernal expelida quando em movimento. Dias depois, o Nicolino lotava a sua famosa "Itala" e, à noite, rodava pelas imediações de nossa cidade, assustando os nossos pacatos sitiantes, que fugiam apavorados, daquêle verdadeiro "Lucifer de olhos de fogo" que rodou em Bragança no ano de 1906.

10-5-1956

O HOMEM DA OPA VERMELHA

Já é tempo de figurar dentre os demais perfilados em nossas crônicas, o "HOMEM DA OPA VERMELHA", amigo incondicional de nossa família. Chamava-se êle João Bueno e ocupava simultâneamente os cargos de fiscal em nossa Prefeitura e de principal membro da Irmandade do Santíssimo em nossa Sé Catedral... Êle era o "tal". Zelava como ninguém pelas atribuições e deveres, chegando às vêzes a cometer arbitrariedades...

"JOÃO BARULHO" era o seu apelido.

Ignoramos qual foi o seu fim, porém, que João Barulho, foi um dos tipos mais populares e muito simpático de Bragança, ninguém pode negar.

VOZ DO POVO... VOZ DE DEUS!

A ampulheta do tempo não parou, mesmo porque não podia parar... Mentalmente, volvemos os nossos olhos um

pouco para trás. Aquilo não era bem uma cidade, mas sim um lugarejo.

Era Bragança provinciana que despontava no horizonte pátrio, predestinada a ser num futuro próximo uma das mais belas cidades do Brasil. Era uma vilazinha com seus 1.300 habitantes.

Faltava muito pouco... Apenas oito anos para deixarmos para traz o século XIX.

Pois bem! Nessa época já vivia em Bragança um homem que estava fadado a ser uma das mais privilegiadas memórias de nossa Terra.

Dizem os mais antigos que êle usando constantemente colete branco em contraste com os ternos escuros que vestia, êstes davam-lhe a impressão de um "pinguim"... Continuando a leitura de nossos apontamentos vamos encontrá-lo na entrada dêste século, exercendo a profissão de alfaiate. Mais tarde, tornou-se escrivão de paz e registros civis. A sua vida foi plasmada em virtudes, e honradez e deixou nos corações dos amigos verdadeiro rastilho de saudades, onde está indelêvelmente gravado o seu próprio nome: ADOLFO CORREA DE BARROS

Êle era realmente um grande homem. Muito grande mesmo. A sua alma vivia noite e dia impregnada de bondade, lirismo, e boemia... Possuía um magnânimo e bem formado coração que constituía uma espécie de escudo invulnerável em defesa das causas justas, especialmente as dos fracos e dos humildes. Como popular, o inolvidável Zeferino Vasconcelos, não escolhia lugar para atender à sua legião de clientes e amigos.

Certa manhã, fomos avisados de que o nosso bom amigo estava passando mal, e às portas da morte. Dois dias depois ao som de lânguidas e comoventes valsas executadas pela "Banda 15 de Outubro" e pela "Corporação Musical Santa Terezinha" sob a regência do nosso amigo Dario Giovannini, o seu corpo seguia para o Campo Santo.

O seu último desejo, foi religiosamente respeitado pelos parentes e amigos:

Ao baixar o seu caixão à sepultura, a segunda das referidas bandas executou a valsa "Neli".

PELÉ

Vou usar um pouco as expressões do saudoso SCHMIDTINHO...

Este Pelé é mesmo um menino de ouro, um doce de côco, uma simpatia... não há quem resista.

Mesmo eu, que não ligo por futebol, (assisti um jôgo na minha vida. Aqui em Bragança), sou fã dêle. 100%. **Esse rapaz é um ídolo com razão. E' o único no mundo.** Ninguém mais tem Pelé.

Êle tem um estilo bem dêle — como no futebol. Leve, gracioso. Estilo Pelé, marca registrada.

Agora êle conta da Alemanha e naturalmente sinto como êle fala bonito do ambiente, do povo, de tudo!

Por exemplo: Lá bem na minha terra, onde nasci, se passou o seguinte: — Numa noite linda num bosque ao lado do Hotel os jogadores foram recebidos por um côro de moços e moças. Ao fim as crianças cantaram o Hino Nacional Brasileiro. Que não é fácil!

Conta Pelé: "Sabem lá o que é isto? Dava arrepios o Hino Brasileiro saindo maciamente daquelas vozes e precisava fazer fôrça para não deixar cair uma lágrima".

Depois em DUSSELDORF num restaurante festejaram outra vez os brasileiros. Era um banquete tipicamente alemão. Todos ficaram amigos e todo mundo com a sinceridade e alegria no rosto. O Pelé também tem esta sinceridade e alegria. Irradia-na! Depois foi eleito REI DO VINHO. E' o REI DO VINHO e de muitas outras coisas e sem favor a pessoa mais querida e simpática no Brasil.

Que assim continue.

Willian Gropp

"DITINHA"

Francisco de Mello Cabral

(Homenagem do autor, a uma criatura sublime, credora de todo o nosso respeito)

Todo mundo respeita na cidade,
O monumento de dedicação...
Mostrou que no seu peito a caridade,
Era muito maior que o coração

Exemplo vivo de tenacidade,
A "Ditinha", foi santa em sua missão
Abraçou tôda a luz da eternidade,
Foi mais mãe, do que a mãe do pobre Abrão.

Era a luz dos seus olhos na cegueira,
Era a mãe, era Anjo, era Enfermeira,
Era o grande tesouro que ele tinha...

Foi um "Anjo da Guarda" dedicado,
A presença de Deus sempre ao seu lado,
Gigantesca mulher... Essa Ditinha!

BODAS DE OURO E PRATA

Crônica de 1963

João Batista de Toledo Leme

Há cinquenta anos atrás, em Cambuí, cidade do sul de Minas, dirigiam-se à Igreja local para as bênçãos matrimoniais os nubentes Attilio Bertolaccini e Francisca Furquim Lambert, acompanhados de banda de música e de grande número de convidados em manifestações festivas próprias da época. Vinte e cinco anos mais tarde êsse feliz casal, no dia das suas bodas de prata, assistiu ao casamento de sua filha Hedy com o sr. Juvenal Vasconcellos. Eis pois que, agora, dia 26 de julho, a família cristã bragantina terá oportunidade de assistir à missa em ação de graças pelo transcurso simultâneo das duas bodas — as de ouro do casal Bertolaccini e as de prata do casal Vasconcellos. Oportunamente, por êste meio, formulamos nossos votos pela continuidade dessa vida feliz dos dois casais. "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

MESTRE PAULO SILVA

João da Costa Muniz

Porque mestre Paulo Silva? Há de perguntar alguém que não o conheceu. Mas nós o conhecemos. Era uma criatura humilde, amiga das crianças principalmente as do Ta-

boão. Paulo com escola instalada naquele bairro, num cômodo tijolado, de sua casa, ensinara as primeiras letras a muitas crianças a 1\$500 réis por mês. Não era formado, mas naquele tempo a lei do ensino, facultava lecionar-se sem diploma e provia-se já, a campanha contra o analfabetismo.

Paulo nascera com o dom de Mestre; principalmente quando lecionava o catecismo. Ele compreendia as almas das crianças e sentia-se feliz em contato com elas. Muitos dêsses meninos, hoje chefes de família bendizem as horas que frequentaram a "escolinha".

Um dia adoeceu; ficou paralítico entregue a uma cadeira de rodas. E durante 15 anos foi-se consumindo aos poucos; foi um homem bom, humano e justo.

ATÉ PARECE MENTIRA

Até parece mentira mas é verdade. Este ano de 1964 é festivo para D. Maria de Pacheco que está comemorando as suas "Bodas de Prata" como doméstica de uma família e de catequista. Quem não conhece D. Maria na Vila Santa Libania. É uma figura característica desta parte da cidade. Com chuva ou sol, ela vai arrastando o seu corpão pelas estradas das vilas chamando as crianças. Parece galinha com os seus pintinhos, quando aos domingos leva todos os pequenos na Igreja Libania para a missa. Com a presença das crianças, a data foi solenemente comemorada na casa pelos familiares que serve á tantos anos.

Padre Aldo

NOSSA GRATIDÃO

Nossa gratidão a todos aquêles, que através dos tempos passaram por esta cidade sempre servindo. Pelo seu contato diário com o povo, tornaram-se populares e ficaram na história. Registramos aqui, alguns que nos vem á memória, como eram conhecidos: Seu Zé Português, jardineiro. Seu Absalão e sua espôsa Nha Clara com seus iambaris e suas empadinhas; Seu Luiz Bertini e D. Mariquinha, doceiros de tôdas as festas da época; Seu Totó e D.

Jacintha com o seu barzinho na praça; D. Joana DalSanto parteira; Seu Chico Mendes e Seu Miguel, serventes do nosso Grupo Escolar; Snrs. Noé Julião, Antonio Lopes, Eduardo de Zordo, Sacristães; Seu Luiz e Nha Antonia com suas Broinhas e pastéis; Nha Chica com as suas pamonhas (ia a Aparecida a pé todos os anos); — Nha Elisa do S. José e sua irmã Aurélia servindo nas horas de aperto; D. Minervina com os seus perás; Snr. Venancio Bonaparte e D. Cirineia (com as festas da sua capelinha de Santa Cruz dos Enforcados); o velho Perú tão atormentado pelas crianças; Cirilinho o anãosinho da Santa Casa sempre gentil ao seu "falatim" (rádio de cabeceira que comprou com o produto de uma lista "entre amigos") Pombal (Alcides da Cunha Lima) o popularíssimo bilheteiro; morreu de um desastre, com a pasta de trabalho debaixo do braço; e há muitos anos, no comêço do século, a tão conhecida Maria Turca que com o seu baú percorria as residências vendendo armarinho. E quanta coisa bonita que havia no seu baú!

Lembremos também Monsenhores: Juvenal Koli e Alfredo Méca que por muito tempo nos assistiram espiritualmente; — João Diniz farmacêutico e Dr. Antonio da Cruz que com prejuízo da própria saúde se desvelaram pelos enfermos.

Sentimos não registrar todos os que passaram por aqui servindo a coletividade; para eles todos, nossa gratidão.

NOSSO CLUBE LITERÁRIO

Dr. Rubens S. Leme

No dia 27 de maio de 1.894, fundava-se o CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO. Bragança era então, como nos revelam as fotografias da época e relembram com não pequena saudade os que tiveram a ventura de o testemunhar, uma cidadezinha pacata e alegre com um comércio conversor de toda uma grande zona agrícola e pastoril. No tôpo da colina, onde Pires Pimentel a colocara, viviam os seus habitantes em amistosa e sossegada comunhão,

deixando correr o tempo numa nostálgica e quase indiferente lassidão. Tudo era tão fácil e bom...

Pois, foi neste ambiente de atmosfera tão romântica que nasceu o CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO; Não são muitos, em Bragança, os que assistiram o fato. De seus sócios fundadores já não resta mais nenhum. Também, quanto tempo já passou...

Sua sede, a princípio, estava localizada à rua Cel. João Leme, próximo à antiga casa Pupo. Depois, lá pelo ano de 1902 se não nos enganamos, passou-se para o prédio onde até hoje se encontra, que era, então, um casarão com uma dezena de portas e janelas, onde na parte de baixo, existiam farmácia e lojas. Nêle se reuniam, à tardezinha e à noite, os homens da cidade para o bate-papo diário ou o joguinho de "bisca". De quando em vez uma festa se realizava. Com que ânsia a esperavam os bragantinos!... Quantos preparativos eram feitos pelas mocinhas de então...! O salão principal iluminava-se todo e, ao som das doces "mazurkas", dos "sholtl" e das valsas vibrantes, rodopiavam os pares sob o olhares vigilantes dos papais e a severa "marcação" das garrulas "comadres". Depois, enquanto tudo voltava à rotina, a cidade toda se enchia com os comentários do baile.

De então, p'ra cá, quanta água rolou... Quantas gerações passaram. Quanta coisa se fez e se modificou no LITERÁRIO!...

Hoje, como outrora, o Clube é o principal centro social de Bragança e um dos mais conceituados do interior paulista. Poucas sociedades brasileiras podem se orgulhar de uma tão longa e profícua existência! Ela representa um verdadeiro patrimônio. Patrimônio que é seu, que é nosso, e que a você, a nós cabe preservar, para entregá-lo ainda mais brilhante e valioso aos que vierem depois!

UM POUCO DE LITERATURA

Prof. José Nantala Bádue

RESUMO:

Não é possível conhecer a vida literária de um povo se não procurarmos analisar através dos séculos e das ge-

rações, pontilhando os seus sentimentos, fazendo época notável ou decadente. Os povos mais cultos do mundo servem-se da literatura como se fôsse um alimento, recalçando no coração humano os puros e sadios princípios de amor e humanidade. Se todos os homens se dedicassem um pouco a este ramo de conhecimento, procurando sempre se entreter com boas obras, lendo ou escrevendo livros e revistas que contenham bons ensinamentos, exemplos dignificantes e princípios instrutivos de fé, de amor e de caridade, acredito mesmo que a vida seria bem diferente de suas épocas fatos que lidos hoje, conhecidos na sua sentimentalidade, invocam as gloriosas epopéias duma geração, servem para outras criações e nos deixam atônitos pela beleza de seus assuntos e riqueza de seu conteúdo. E uma prova eloquente do alto grau de cultura da época e bem reflete a maneira de viver. São eventos que excedendo influência notável na estrutura idiomática dum povo, dão origem às novas escolas literárias padronizadas por novas e novos caracteres.

Da revista "Bragança" — Março de 1953

CRÔNICA DA CIDADE

RESUMO:

A crista da serra é cortada longitudinalmente pelas ruas estreitas e tortuosas; em tôdas as direções partem ruelas transversais cortando a cidade em todos os sentidos e as casas fortemente agrupadas ao centro, esparramando-se pelos montes adjacentes. Assim é Bragança Paulista: graciosa, simples e pura com requinte vaidade juvenil, adornando-se toda de belas árvores que se alinham ao longo das calçadas rústicas, engalanando-se de flôres e arbustos na artística promiscuidade dos jardins e parques. Bragança é assim! Pequena cidade interiorana de coração enorme e imutável. E' este o traço marcante de sua personalidade um grande coração onde se aninham os anseios de sua gente simples.

Leila Montanari Ramos — Agosto 1953

BRAGANÇA DAS SETE COLINAS

Sombreando os vales, sete proeminências terráqueas comprovam em principesca miragem a verdade da expressão "Cidade-Poesia". Sete Colinas — que sabemos, teve Roma. Que as tenha também uma cidade católica é honra para esta cidade que pode repetir Roma em seu coração e em sua topografia.

Lá está Santa Libânia, arrebanhando casas esparsas num anseio de se constituir cidade. Lá está Santa Teresinha, testemunhando nossa Fé no alto da cidade, executando o "V" cujo inclinado só os ônibus podem avaliar em seus roncadores gemidos, a colina de Sta. Luzia eleva sua capela em brados de tijolos descobertos ao céu. Mais para lá, é São José que ergueu em outra colina seu trono de Tutor do Menino DEUS. Na colina principal ladeada pela colina da Capela de Nossa Senhora Aparecida, futuro Santuário, a Catedral e o Rosário, encimam a sexta colina. E' tudo dominando no centro, a elevação do Colégio S. Luiz, disfarçando suas terras no verde do Parque.

Aí está Bragança, ajoelhada nas Sete Colinas das Sete Igrejas que lhe encimam os picos. Aí está Bragança, lembrando que nos rincões paulistas se desenha na alma católica de nossa população e no ondulado de nossa topografia, uma cópia fiel de Roma, a capital de nosso catolicismo, a cidade das sete colinas...

A "ÁGUA DA BIQUINHA"

Assunto para um poema ou um livro, a "Água da Biquinha" constitui o mais precioso patrimônio da cidade. Já era antiga, por certo quando aqui chegaram os construtores desta civilização. Viu a cidade nascer, crescer, e sonhar... Sua história é a própria história da cidade. E' uma tradição em Bragança beber água dessa fonte, que o povo com carinho e intimidade batizou de "Água da Biquinha". Toda a gente conhece a "Biquinha"; é que essa fonte, há mais de século e meio acompanha "pari-passu" a vida da cidade, conhecendo os seus segredos e suas paixões...

E aí está ela, no mais modesto recanto da cidade. Está bem cuidada e bonita. Pavimentaram a sua rua, que não sei que nome tem, mas que para mim, há de chamar-se sempre "Rua da Biquinha".

Francisco Péricles França

"Água que, com brilho de prata, borbulha das fendas de uma grande pedra existente no seio da terra, numa profundidade de mais de dois metros. Os antigos da Câmara Municipal, vendo a serventia e utilidade dela, construíram, então uma pequena caixa de tijolos cimentada, caixa essa que ainda existe no lugar da vertente e canalizaram-na, dando origem daí, à biquinha que se denominou com o correr do tempo "Chafariz Vermelho" E de saudosa memória lembramos aqui, de Raimundinho, Antonia Barbosa, Maria Portuguêsa, Cláudia Gomes, além de outros carregadores de água do Chafariz Velho, a duzentos réis a lata, às famílias bragantinas, nos tempos passados...

A. C. M.

CRÔNICA DA CIDADE

Bom Dia, Bragança...

Francisco Péricles França
(Especial para o "Bragança Jornal")

Costumo amanhecer com a cidade...
E' feliz ainda quem pode dormir, sonhar e amanhecer.
Sim. Costumo amanhecer com a minha cidade, que tem também a sua noite.
BOM DIA, minha cidade. BOM DIA, BRAGANÇA.
E ela sorriu.
E' a brisa macia e perfumada de um novo dia que desponta para saudá-la, ao som da orquestra dos pardais da Praça Catedral.
São os sinos. Os sinos do campanário. E que vozes são estas?

E' o divino apelo que reaviva em nós a chama da fé. E' a voz de uma cidade que reza. E' o apito da fábrica. São as sirenes das indústrias que nos convocam para a luta cotidiana. E' a voz de uma cidade que trabalha!

São os colegiais que passam correndo, vindo de bairros distantes, trazendo nos olhos o brilho da juventude e no coração a chama da esperança de vencer. E' a cidade que estuda. E' a Igreja. E' a Oficina. E' a Escola. Este é o conjunto harmonioso que caracteriza a minha cidade. E' um mundo nôvo que surge a cada nôvo dia, para novas lutas e novas esperanças. E' tôda uma coletividade que quer pão, quer livros e implora as bênçãos dos Céus...

E esta é a minha cidade, minha cidade que estuda, que trabalha e que reza e que reproduz, em cada nôvo dia, novos matizes de luz, brilhando menos talvez, para aquecer mais.

BOM DIA, BRAGANÇA.

Bragança Paulista passa a ser estância climatérica. Bragança Paulista é o mais nôvo Município do Estado a adquirir a qualidade de estância climática, ou seja, de sítio turístico, mercê das condições excepcionais que oferece à saúde, numa altitude média de 840 m. e tendo a circundá-la um conjunto de serras. O cume da serra do Dopo atinge apreciável altitude, que a coloca em situação de destaque no Estado.

Êcos do 2.º Centenário

ORAÇÃO A BRAGANÇA

Salve Bragança Paulista! 200 anos são passados do seu nascimento. Salve!

15-12-1763 à 15-12-1963.

Antonio Pires Pimentel!... D. Inácia da Silva!... Um voto... Uma capelinha... pequenas casas... pássaros gorgendo... Animais pastando... Eis a sua infância.

Depois ruas... novos alicerces... Aventureiros construindo lares... a população foi crescendo... Povoado de Conceição de Jaguari.

17 de Outubro de 1797. Vila de Nova Bragança... Eis a sua Mocidade...

24 de Abril de 1856 — A semente há quase um século germinada solta os pequeninos galhos. Torna-se município graças aos esforços de cidadãos aqui radicados e dos seus filhos extremados que cheios de entusiasmo lutam e vencem o bom combate.

Aí está a "Cidade Poesia", a Princesa da Colina acolhendo generosamente aquêles que a procuram.

Quanta tradição! Quanta bravura! Quanta generosidade herdarmos de nossos antepassados, daqueles que sem pensar tudo fizeram por este pedaço de solo paulista, por esta Bragança querida que completando 200 anos fôsse o orgulho dos que aqui vivem e, continuando a obra dos incansáveis Bandeirantes, tudo farão para que esta terra cresça cada vez mais.

Filha de Bragança Paulista também deixo minha homenagem e minha gratidão aos meus antepassados.

Nair de Brito

(da Associação Bragantina de Imprensa)

Primeiros Jogos Florais de Bragança Paulista

"CIDADE POESIA"

Em Comemoração ao seu 2.º Centenário em 15-12-1963

TEMA "ALEGRIA"

Organizado e coordenado pela poetisa bragantina

Adalzira Bittencourt

Sob os auspícios do Grêmio Brasileiro de Trovadores do Rio de Janeiro

TROVAS PREMIADAS

Minha terra feiticeira
Doce "Cidade Poesia"
de belas tardes fagueiras
e das manhãs de alegria.

Bimbalha com alegria,
o sino voz argentina
que traduz minha ufania
De ser mulher bragantina!

Bi-centenária Bragança
linda "Cidade Poesia"
Minha terra de Pujança
de paz de amor e alegria

Sara Machado Leme

Alegria! a Deus meus rogos
eu vos ergo graças mil!...
Vencer em Bragança os jogos,
e depois... ir ao Brasil.

Já duzentos? quem diria?
conta a Paulista Bragança,
mas não lhe falta alegria,
linda idade... uma criança!

A. Ferrer Lopes
Queluz - Portugal

Ao longe montanha azul,
minha "Cidade Poesia"
sempre bonita e tiful,
na redoma de harmonia!

Entre montanhas azues
arco-iris da esperança,
cidade feita de luz,
minha querida Bragança.

America Paccitti Colicigno

Se à terra eu voltar pudesse
com alegria e esperança,
pediria numa prece
para nascer em Bragança.

Se quereis ter alegria
e viver só em bonança,
corra pela "Fernão Dias"
e vá conhecer Bragança.

Djanira Brandi Bertolotti

1.º Lugar

Tema "Alegria"

E' da luz que o sol envia
que nasce o brilho da lua
— Assim a minha alegria,
depende sempre da tua ...

Orlando Brito
Rua Napoleão de Barros - S. Paulo

9.º Lugar

Quando a mágua nos crucia
e o destino nos tortura, um
momento de alegria
constitue uma ventura.

João Aguiar
Atibáia

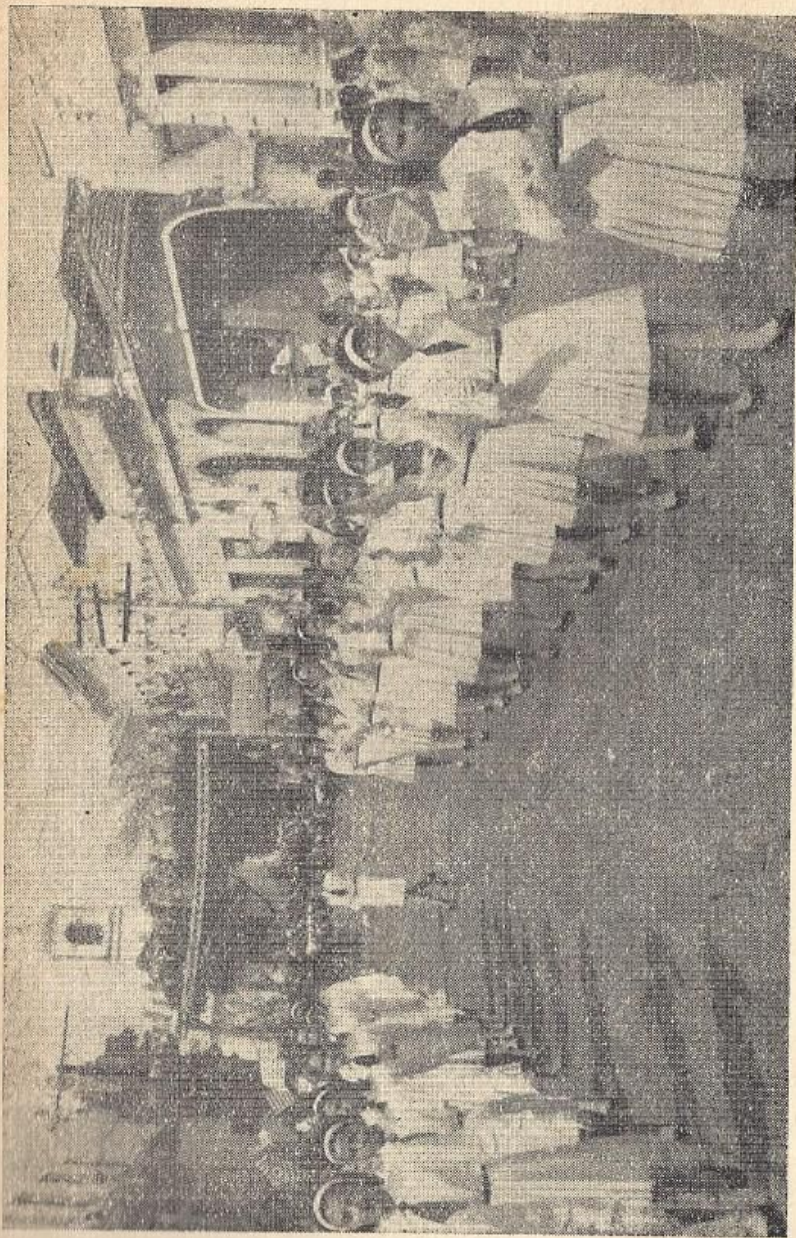
Bragança hoje é seu dia,
dois felizes centenários!
parabéns com alegria,
replicam os campanários

Trovadores do Brasil
ajudai a dar "bom dia"
à Bragança, mil por mil
com dois séculos de alegria.

J. Guedes
Juiz de Fóra — Minas Gerais

Bragança que se renova,
entre beijos de alegria,
deponho dentro da trova,
nossa "Cidade Poesia"

Oly Bittencourt
Red Bank - U.S.A.



Desfile Missa Campal celebrada por D. Mauricio da Rocha.



N. Sra. da Conceição, que estava no alto da Catedral demolida.

1963 — O ANO BICENTENÁRIO

25-12-1962. À meia noite foi celebrada a santa missa e aberto o presépio. E assim com preces e alegria foi comemorado o Natal deste 1962 que ficou dentro do nosso bicentenário.

Pela primeira vez em nossa cidade, tivemos o presépio vivo organizado pelo Revmo. Pe. Aldo e Sr. Spina. Os personagens vestidos a caráter desfilaram pela cidade a cavalo e em caminhão causando viva emoção à nossa gente e aos turistas. Em outra hora desfilou o grupo do Taboão, composto só de crianças também vestidas a caráter. Representavam: S. José puchando o burrinho que levava N. Senhora, os Reis Magos a cavalo e Pastores que levavam ovos, aves, pombas e um carneirinho que entregaram ao Menino Jesus na representação realizada em frente a Catedral.

1-1-1963 — Na praça engalanada e nos salões, o povo assistiu emocionado a passagem da "0" hora do ano bicentenário. A Catedral que se destacava no escuro da noite contornada de luzes esteve repleta durante a cerimônia do Te Deum e da Santa Missa.

Maio — "Dia das Mães" — Foi solenemente comemorado com uma romaria ao cemitério onde se celebrou a santa missa. A primitiva imagem de N. S. da Conceição foi carregada em andor pelas mães de Bragança. A noite, no palanque da praça, falaram diversos oradores e o sr. Bauna homenageou a Mãe Preta, entregando em nome da Comissão de Festejos diversos brindes.

Maio — Com tôdas as cerimônias religiosas e uma grandiosa quermesse para a reforma da Catedral foi realizada a festa do Divino Espírito Santo.

Primeiro prélio internacional em nossa cidade.

A nossa cidade recebeu, no dia 26 de abril p.p., o selecionado norte-americano de futebol, que aqui esteve para, além de uma visita, homenagear Bragança pelo transcurso de seu segundo centenário de fundação. Às 16 horas teve lugar no Estádio "Marcelo Stefani" o primeiro prélio internacional de futebol em Bragança Paulista — entre as equipes "U.S.A." e o nosso "Legionários E. C." vencendo os americanos por 4 a 1. Os jogadores vindos de diversos Estados do país norte-americano, além de fotografarem di-

versos pontos da cidade, filmaram diversas cenas, compraram "souvenirs" — e com isto sem dúvida Bragança Paulista que é um pedaço do Brasil ficará mais conhecida por aquele povo.

PRIMEIRA FESTA DA BATATA

Grande número de visitantes e turistas para a Festa da Batata, que a Associação Nipo-Brasileira promoveu em homenagem ao bi-centenário de Bragança, nos dias 11 e 12 de maio. Houve desfile escolar de carros alegóricos na praça central. Durante o almoço oferecido às autoridades o sr. Adhemar de Barros, Governador do Estado coroou a rainha da Festa da Batata, Sra. Shizue Nishimure; o Ministro da Agricultura, a primeira princesa, srta. Leila Leme, e o Secretário da Agricultura, a 2.a princesa, srta. Maria Tanaka.

Maria Tanak

3-6-1963 — CIDADE DO VATICANO

"O Sumo Pontífice João XXIII morreu. O Papa da bondade expirou, serenamente, após receber os Sacramentos da Santa Mãe Igreja, às 18,49 hs de hoje, 3 de julho de 1963. Ficou pois, dentro de nosso centenário o venerando Papa que por sua excepcional bondade conquistou o mundo inteiro.

6-6-1963 — Nas grutas do Vaticano foi hoje sepultado o Santo Papa João XXIII. Um milhão de pessoas, aproximadamente, compareceu para apresentar seus respeitos ao homem que convocou um Concílio Ecumênico em um esforço para lograr a unidade cristã. Em seu leito de morte ofereceu suas dores e sua vida ao Concílio e pela paz mundial justa e duradoura.

22-6-1963 — Cidade do Vaticano — O Cardeal Giovanni Montini foi eleito ontem nôvo Papa da Igreja Católica. Adotou o nome de Paulo VI. Excitada multidão reunida na Praça de S. Pedro, à vista da fumaça branca começou a aplaudir.

30-6-1963 — Obteve o mais amplo sucesso a Feira das Nações realizada no Instituto Social e Educacional (ISE), entidade que visa abrigar moças e adolescentes. Elementos representativos dos Estados Unidos, França, Espanha, Itália, Israel, e uma barraca "Bossa Nova" além da brasileira, e dos Expedicionários deram um colorido especial às festividades com suas vestes típicas e regionais. Perto de 5.000 pessoas estiveram presentes cooperando com a filantrópica promoção.

Junho — Foi comemorado com todo esplendor o dia de "Corpus-Cristi". Elementos da Comissão de Festejos estenderam na praça onde passou o cortejo religioso um bellissimo tapete de flôres onde se destacavam os emblemas de "Fé, Esperança e Caridade", e bem no centro o cálice e a hostia branca confeccionada com camélias.

Festas Juninas em 1.963

São tradicionais e bem brasileiras nossas festas juninas. E este ano em homenagem ao bi-centenário foram celebradas com capricho e bom gosto em todos os clubes e centros sociais. Diversas vezes desfilou pela cidade o clássico casamento caipira em carro de boi e carroça com acompanhamento à cavalo, e todos em trajes típicos. No terreiro da Paróquia de Santa Terezinha ergueram a casa dos noivos onde receberam seus convidados e festejaram a "Lua de Mel" (inovação nas festas caipiras).

Homenageando Bragança pelo seu 2.º Centenário de fundação esteve na TV Tupi Canal 4, às 20,30 horas durante o programa do "Clube dos Artistas", a quadilha "Bossa Nova" do Clube da Amizade.

19 de junho — Com a participação da Comissão do Bi-Centenário, foi apresentado com grande êxito, o Hino do Festejo em todo o país no dia 13 de junho.

Foi festivamente comemorado o "9 de julho" em Bragança Paulista.

Às 16 horas, alvorada pela Corporação XV de Outubro, hasteamento da bandeira, salva de 21 tiros pelo Tiro de Guerra, missa solene às 10 horas, desfile com a participação dos veteranos de 32, e ex-combatentes da F.E.B.

À noite, Concerto na praça.



Snr. José Alhanazio premiado como o mais antigo motorista da praça.

10 - 7 — SOLENIDADE EM LOUVOR À "SÃO CRISTOVÃO"

Neste ano histórico do Bi-Centenário de Bragança, a Grande Família dos Motoristas, profissionais e amadores, disse presente às comemorações: Dia 25 "Dia do Motorista" às 19 horas grandioso cortejo de carros, caminhões, jipes, etc., transportando a Imagem de São Cristovão, da Igreja da Penha para a Sé Catedral. Dias 26-27 - Missa Vespertina, Bênçãos e confissões. dia 28 - às 16 horas, Santa Missa celebrada no Campo de Aviação e após, será organizada a Procissão Motorizada de S. Cristóvão inédita em Bragança. Diante da Catedral será dada a bênção aos carros.

26-7 — Mais uma vez o Literário fêz realizar o já tradicional Baile do Sueter.

24-7 — Foi solenemente instalada a "Obra da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento" em nossa cidade, na Igreja do Rosário. Ocorreu dia 20 de julho solenidade com Missa Pontifical celebrada pelo Excelentíssimo Bispo Diocesano às 10,30 da manhã. No momento em que o mundo inteiro caminha através de um acentuado e crescente materialismo, deve despertar nossa atenção, essa Obra sobremaneira excelente. A obra de Adoração Perpétua enriqueceu a Diocese de Bragança. Nossos agradecimentos à D. José Maurício.

11 e 12 de julho — Colaborando com os festejos do Bi-Centenário a Colônia Japonesa, apresentou o sensacional "II Campeonato Brasileiro de Sumô". Mais de 5.000 pessoas no certame; vencedora a equipe Bragantina.

SEMANA DA PÁTRIA

Revestiu-se de grande brilhantismo o "7 de Setembro" nesta cidade. Durante toda a semana a cidade esteve engalanada; um toldo de bandeirinhas coloridas se estendeu sobre as ruas por onde passou o belo desfile tão elogiado por turistas presentes e filmado por diversas pessoas. Merece destaque o setor comercial onde ninguém deixou de

enfeitar a frente de suas casas, dando um alegre e festivo colorido à Cidade. O desfile teve início às 9 horas. Cigarros cantavam em tôdas as árvores da praça excitadas pelo rufar dos tambores e clarins. Abria o desfile o carro apresentado pelo Grupo Escolar Dr. Jorge Tibiriçá, ricamente ornamentado, representando D. Pedro e a Imperatriz vestidos conforme a época. Desfilaram 18 carros com alegorias à data Tiradentes, a apresentação do Hino da Independência representando uma sala com piano e o Maestro, todos muito bem ornamentados, chamando atenção os trajes típicos de cada alegoria. À noite houve queima de fogos na Praça Raul Leme, encerrando os festejos uma sessão cívica no Literário. Foram premiadas diversas vitrines que concorreram ao concurso.

Baile do Café — Como todos os anos realizou-se o tradicional Baile do Café sendo coroada a Rainha do Café do Bi-centenário.

28-9 — Sob o comando da Casa da Amizade realizou-se o "Baile Internacional" com trajes característicos de diversos países.

Por ocasião do "Baile das Américas" dia 20-10 foi eleita Miss Clube Literário a Srta. Irani Barreto, que disputará o título de Miss Bi-Centenário.

IV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DA ZONA BRAGANTINA

A Associação Rural desta cidade, congratula-se com as autoridades, expositores e visitantes o êxito alcançado, desde o dia 3 até esta data (10-11); do encerramento da IV Exposição em comemoração ao II Centenário de nossa cidade. Dia 9 foi realizado nos salões do Clube Literário o "Baile da Agricultura;" foram coroadas rainhas: srts. Julia Sanae Isukada (Pecuária), Marta Maria Amaral (Industrial), e Beatriz Ferreira Cintra (Agricultura). Às 20 horas, a comissão fará entrega das taças e troféus aos proprietários dos animais classificados. Houve prova de argolas, ginkanas, rodeio e cavaleiros desfilaram pela cidade.

CARNAVAL DO BI-CENTENÁRIO

Djanira Brandi Bertolotti

26-2-1963.

Bragança Paulista viveu neste ano um grande reinado de Momo. O desfile de carros alegóricos promovido pela Comissão de Festejos esteve ótimo. Apresentaram-se vários dêles, tendo à frente o Rei Momo vestido a caráter e a seguir: um carro representando uma grande concha prateada tendo no seu interior uma baiana na pessoa da srta. Edna Magrini; o carro da Fábrica S. Basilissa bem ornamentado e iluminado; as Indústrias Carretero, representando um carroussel; os Índios com sua tenda de lona e seu cacique; os Índios do Brasil enfeitados de bananeiras, índios e índias frutas e flôres; A Favela, com seu morro famoso, seu barraco modesto, coqueiros e samba; a Colônia Espanhola com bandeiras, flores, repleto de jovens, a Colônia Japonêsa (1.º Prêmio) com cerejeiras, lanternas coloridas, bandeiras brasileira e do Japão, serpentinas, confetis, sorrisos. Quanto aos blocos destacou-se o de Atibáia, com mais de 100 (cem) elementos, vestidos à moda grega, tendo à frente um cartaz com os dizeres: "Bragantinos residentes em Atibaia saudam sua terra natal"; o cordão do 13 de Maio, esteve ótimo. Zamper e Catarina foram seus balisas e a juventude sambou como ninguém.

Parabéns ao 13 de Maio! Um carro de chineses veio de Atibáia percorreu as ruas com graça e encanto. Ótimos, o bloco "Pinga Fogo" o bloco da lagosta e o bloco da Crise está em crise mesmo, pois seus elementos neste ano foram poucos. Animadíssimos os bois furiosos (simbólicos é claro) que avançavam para o povo provocando correrias. Grupos de dominós pretos, índios, fantasmas brancos, melindrosas, percorreram as cidades e depois nos vários salões deram nota pitoresca. Os bailes estiveram animadíssimos, tanto no "Ribeiro de Barros", no "13 de Maio", como na "Sociedade Espanhola", e "Clube Literário e Recreativo". Momo teve seus dias de grande reinado em Bragança Paulista que comemorou condignamente o seu período de folguedos.

"SEXTA-FEIRA SANTA"

Francisco de Mello Cabral

Na Sêxta Feira Santa, a noite fria,
E, a lua, lá no céu, tão contristada,
Parece, que chorando se escondia,
No manto da neblina enrodilhada!

Na minha porta, passa lentamente,
A procissão do entêrro de Jesus...
E, o Cristo, parecia sorridente,
Porque, livre ficara, de sua cruz!

E, a multidão chorosa que seguia,
O simbólico entêrro, em noite fria,
Orando, lamentava sua morte...

Sem nem siquer, pensar que eu existo,
E que, também, carrego igual a Cristo
Uma pesada cruz em minha sorte!

Aos meus irmãos humildes de Bragança Paulista

SOLENIIDADE DA SEMANA SANTA

Foi dos mais deslumbrantes o espetáculo apresentado em Bragança Paulista durante a Semana Santa, em comemoração ao Bi-Centenário desta cidade, com a supervisão do Padre Aldo Bolini e Sr. Spina.

PERSONAGENS:

Tivemos a oportunidade de assistir e conhecer muitas figuras das quais só sabíamos o nome, não lhes dando a de-

vida posição no cortejo da Paixão. Cercados de verdadeira multidão, seguiram os passos de Jesus, Pilatos, Anaz, Josafá, e as mulheres Santas, Nossa Senhora, e num espetáculo a parte os dois ladrões que foram crucificados ao lado de Jesus. Tôda a caravana era escoltada por uma Guarda Pretoriana, sendo aberta e fechada por um grupo de Cavaleiros Romanos.

Tôda a indumentária foi conseguida com sacrificio pelo Padre Aldo Bolini na Casa Teatral, arcando êle com grande despesa, porém contando com a colaboração de todo o pessoal do DER desta localidade.

TURISTAS:

Dentro do programa extenso, organizado pela Comissão de Festejos do II Centenário, que vem realizando comemorações e festividades por todo êste ano, os festejos da Semana Santa foram uma atração à parte digna de nota.

JUDAS:

Sábado de Aleluia, à meia noite, como manda a tradição na hora da Ressureição, foi vingada a morte de Jesus com a queima de um gigantesco Judas na Praça Raul Leme, recheado de fogos de artifício. Assistiram a essa realização milhares de pessoas, devidamente isoladas pelo destacamento policial, deslumbrando-se com o fogaréu.

ENCERRAMENTO:

Domingo de Páscoa, com a apresentação de várias congadas, foi encerrada a comemoração à Semana Santa de Bragança e, podemos assegurar, a melhor que esta cidade já pode assistir.

ENIO EL RADE
Do "Bragança Jornal"
17-4-1963

BAILE DE GALA NO ANIVERSÁRIO DO CLUBE LITERÁRIO

RESUMO:

"Bragança Jornal"

Realizou-se, sábado último, um dos maiores acontecimentos festivos do Clube Literário e Recreativo de Bragança Paulista, fundado a 27 de Maio de 1.894.

O Baile de Aniversário dêste ano, animado por Nelson de Tupã, foi uma festa esplêndida.

Abrindo as solenidades usou da palavra o atual presidente sr. Salvador Falabella que agradeceu a presença dos associados.

Foi nota marcante a homenagem prestada aos exmos. presidentes, srs. Eliseu Leme de Campos, José de Assis Gonçalves, Boanerges da Cunha Freire, José de Aguiar Leme, Marcelo Stefani, dr. Geraldo de Assis Gonçalves, dr. Rubens Siqueira Reis Leme e José de Almeida, que neste ano estiveram reunidos, talvez pela primeira vez em torno de um magestoso "Bolo de Aniversário", para soprarem os 69 velinhas comemorativas. Encerrada essa parte, o bolo que foi confeccionado pela sra. Bertolacini Vasconcellos, foi servido a todos os presentes.

A decoração do Clube foi executada pela própria diretoria, e os arranjos floraes por Siles Coli.

29-5-63

SERENATAS DE OUTRORA...

Na madrugada de 1.º de dezembro, Bragança assistiu, com emoção, a bela passeata de seresteiros que, em grupos percorreram a cidade, num bonito espetáculo da mais pura e sentimental tradição poética de nossa cidade.

Eram antigos e saudosos seresteiros de ontem, irmanados à mocidade alegre de hoje, que dedilham com desenvoltura o violão, entoando, sob nossas janelas, o ritmo quente e romântico de nossos dias. Dentre tôdas as comemorações do bi-centenário, foi talvez esta a que mais tocou a nossa gente. Foi uma singela e delicada homenagem à tradição, à poesia, e à saudade. Era como se fôsse um adeus à Bragança Bi-Centenária. Adeus de todos nós,

quando vai se encerrando uma etapa que jamais voltará. Bragança foi assim, sempre embalada pelo espírito boêmio dos seresteiros. Em 1876 existiam apenas 380 casas, com 8 ou 10 ruas. . . ruas poeirentas,, impregnadas de um silêncio provinciano, às vezes entremeados dos pregões das quitandeiras e pamonheiras ou pela cantiga melancólica dos carros de boi. Viviam pacatamente seus habitantes, desfrutando do cômodo e confortante sossêgo daqueles tempos. Mas á noite, Ah, a noite! Junto às duas imponentes pedras que se erguiam no fim da rua das Pedras, reuniam-se os boêmios, poetas e seresteiros da época! Sob a luz da lua ou da claridade discreta de um lampião, os acordes das serenatas ecoavam no espaço, acordando e arrancando doces suspiros das donzelas, que na penumbra das casas, lançavam uma luva de renda ou mimosa flor ao trovador enamorado. Era de se ver com que orgulho se guardavam os mimos recebidos, nas serenatas. Naqueles tempos, um dos títulos que mais enaltecia um mancebo era o de ser poeta ou seresteiro. Serenatas!... Serenatas de outrora, serenatas de hoje, alma romântica do nosso povo manifestando-se através do tempo.

O. S.

VELHAS PAGINAS MUSICAIS

Os "Seresteiros de Bragança", sob a regência de Mario Supioni, que é composto pelos músicos Emílio Baise, João Baise, Roberto Peçanha, Roberto Colagrande, Antonio e José de Abreu Leme, Flavio Fagundes de Oliveira e Nélio Vieira homenagearam a cidade durante todo o do bi-centenário com o programa radiofônico "Velhas Páginas Musicais" irradiado tôdas as segundas e sextas-feiras, programa idealizado por Waldemar Centini Júnior.

CANTIGAS E ROSAS PARA A NOIVA DA COLINA

Bragança Paulista é conhecida como "Cidade Poesia", porém antes dêsse magnífico apelido foi chamada "Noiva da Colina". Como "Cidade Poesia" foi que recebeu as ho-

menagens de 738 poetas que se apresentaram com 2.856 trovas além de algumas fugindo do tema, em saudação à Cidade aqui juntamos também. E como não ser assim? Embaiada com alegria "Alegria" a cidade poema continua a ser a "Noiva da Colina".

(apresentando seu livro)
Adalzira Bittencourt

BAILE DO BI-CENTENARIO

Fato inédito em Bragança Paulista foi o baile de gala, para coroação da rainha do bi-centenário, realizado no dia 14-12 dêste, nos salões do Literário. Aglomerado à porta do clube, o povo assistiu extasiado à passagem solene de cortejo de S. M. a Rainha. Êste era composto de marqueses, condes e barões do século passado, que, com suas vestes riquíssimas, desfilaram pelo salão ao som de bellissimo minueto, fazendo lembrar aquelas cenas das cortes antigas. A seguir as princesas que acompanhavam S. M. chamadas uma a uma percorreram o salão espargindo graça e beleza. A solenidade atingiu seu climax quando ao som da marcha triunfal da "Aida" foi anunciada: "S.M. Irany, Rainha do Bi-Centenário. Enquanto dois servos estiravam tapetes até o trono por sôbre êle surgiam dois pagens vestidos à caráter conduzindo a corôa e cetro de S. M.. Logo após, bonita, em traje dourado sôbre um manto verde de veludo, contornados de pele branca entrou S.M. Focos de luzes de fotografos e cinegrafista realçavam ainda mais o sorriso e a graça. Aos primeiros acordes do "Exodus" os pagens dirigiram-se à mesa do sr. Prefeito Municipal, prof. Angelo Magrini Lisa, e sua espôsa, que nêsse instante representavam o século que findava o bi-centenário. Receberam então a corôa e o cetro conduzindo-os até a mesa do sr. prefeito eleito, dr. Lourenço Quilici, e espôsa, que representavam o século a se iniciar — o tricentenário — e convidaram-os a efetuar a coroação. Dirigiram-se, pois ao trono e quando os acordes do "Exodus" atingiram ao máximo e as palmas vibravam efusivas, d. Alzira colocou a corôa sôbre a cabeça de S.M. a Rainha depois de cumprimentar dirigiu-se aos presentes. "Sinto-me sumamente honrada em ser a Rainha do Bi-Centenário de Bragança

Paulista. Agradeço emocionada aos que me proporcionaram êstes momentos de realeza. Esta data ficará gravada para sempre em meu coração. Esforçar-me-ei para honrar esta corôa que pela bondade dêste nobre povo ostento. A todos do meu reino, felicidades, e a Bragança querida um terceiro centenário digno de suas realizações". — A Valsa — À meia noite, enquanto lá fora os sinos badalavam e os fogos estouravam anunciando o despontar do terceiro centenário a orquestra de Dick Farney abriu o baile com a valsa. Um a um os pares antigos desfilaram ante a Rainha, sendo apresentado seu nome: Condes de Santarem (Edmur Baratella e Mercia Magrini Baratella); Marqueses de Pombal (José Alvaro Leme e Jacy Colombi Leme); Marqueses de Paranaguá (Moacir Mendes de Oliveira e Teresa Magrini de Oliveira); Visconde de Taunay (Mauro Valle e Eneida Arruda Valle); Viscondes de Mauá (Dr. José Amicis Vasconcellos Diniz e Maria Teresa Diniz); Barões do Rio Branco (José Tosta e Celina Tosta Ribeiro); Barões de Cayrú (Dr. João Hermes Pignatari e Marilda Pignatari). Numa visão do passado os pares passavam pelo salão lembrando com saudades os momentos vividos por nossos antepassados.

14-12-1963.

Sob um céu escuro mas recamado de estrélas, a Corporação Musical "15 de Outubro" sob a regência do maestro Augusto da Silva, executou na Praça Raul Leme dobrados e valsas, em um programa de saudade, perante uma enorme assistência que esperava o bater da meia noite que anunciava o despontar do dia festivo que encerrava o segundo centenário da fundação de nossa cidade. E, quando os ponteiros do relógio da velha Catedral se cruzaram, bimbilharam os sinos, foguetes estrugiram, vivas foram erguidos e o Hino Nacional ecoou pelos recantos da cidade.

PROGRAMA DAS FESTIVIDADES NO DIA 15

Às 9 horas, Missa Campal celebrada por Sua Excia. Revma. D. José Maurício da Rocha, Bispo Diocesano — Às 10,30 horas, desfile de fanfarras, "Cáspcr Líbero" e

"Monteiro Lobato" de Guarulhos — Às 16 horas, desfile de 60 carros alegóricos — Às 20 horas, solene Te-Deum, campal, na Praça Raul Leme — Às 21 horas, queima de fogos de artifícios, confeccionados pelo sr. Roque Romão. Impossível descrever em tão pouco espaço a beleza, a suntuosidade dessas festividades, e que revelou o amor, o interesse de nossa gente pela sua cidade.

"O DESFILE DE CARROS ALEGÓRICOS"

RESUMO:

Djanira Brandi Bertolotti

O gigantesco desfile de carros alegóricos, que percorreu as principais ruas da cidade, fechou com chave de ouro os festejos comemorativos do bi-centenário de Bragança Paulista. Milhares de pessoas, de Bragança e de outras cidades, e Estados, acotovelaram-se nas ruas, à espera da passagem do cortejo. Tarde amena, de sol, a cidade inteiramente enfeitada, banda de música, entusiasmo geral. Abrindo o cortejo a Corporação Militar da Polícia Rodoviária do Estado, fazendo acionar as sirenes. Seguiam-se a fanfarra "Monteiro Lobato" de Guarulhos, portando as bandeiras dos 21 Estados do Brasil. Em seguida, os carros, assim distribuídos:

Brasil Império; Brasil República, Estados Brasileiros; Pecuária. Na parte de Brasil Colônia desfilaram 7 carros maravilhosos: Descobrimento do Brasil — Apresentava a nau de Pedro Alvares Cabral em tamanho gigantesco com a respectiva tripulação; — Primeira missa no Brasil — foi admirável, apresentando índios à volta de uma capela e um sacerdote diante de um altar; — Fundação de S. Paulo — uma capelinha toska, índios e sino repicando; Domínio Espanhol, participação da Colônia Espanhola apresentando evocativa cena da época 1.580-1.640; Os Bandeirantes — com seus tesouros empacotados e suas arcas recheadas; — Fundação de Bragança — apresentava damas e cavalheiros em volta da Capela primitiva; — O Mártir da Independência, em plena força, com carrascos, etc. No quadro do Brasil-Império — Independência ou Morte — foi dos mais bellos, quando D. Pedro I, a cavalo demandava a colina do Ipiranga; — Duque de Caxias; homenagem ao Patrono do

Exército Brasileiro; — República — linda jovem sob imponente alegria.

Quanto aos carros representativos dos Estados do Brasil, destacamos pela beleza: — Rio Grande do Norte, com seus ramos e sacos de algodão; Paraíba, com arreios, cactus, areia e mimosa cangaceira; Pernambuco, exibindo o frevo; Guanabara, com a jovem que o representava vestida de branco e preto, lembrando as calçadas de Copacabana; Brasília, com desenhos do Palácio da Alvorada, e uma jovem em traje de veludo verde; Santa Catarina, exibindo sua agricultura, enfeitando com produtos da região; Rio Grande do Sul, com lindas gauchinhas e produtos daquele Estado, Minas Gerais e São Paulo, não condizentes com as respectivas riquezas, apresentaram-se mais modestos que os outros. A epopéia de 1932 foi lembrada em lindo carro comemorativo; A Vinda das Filhas de Jesus à Bragança — A Fôrça Expedicionária Brasileira; — A Homenagem da Colônia Italiana, a homenagem simpática da “Fábrica Colorado”, com suas peruas transportando máquinas de costura, suas buzinas tocando e moças atirando serpentinas; e o lindo carro representando o “Café” decorado pelo jovem Eduardo Magrini. Salientaram-se as Colônias Sírio-libaneza, e Japonêsa. O carro da Colônia Japonêsa apresentava belas orientais a caráter entre ramos de cerejeiras em flor. O carro da colônia sírio-libanesa esteve magnífico: representava um sultão fumando narguilê, entre tapetes legítimos, num harém com cortinas pendentes em cores legítimas e algumas odaliscas, também a caráter, deitadas displicentemente aos pés do sultão. Soubemos que este carro fôra feito para desfilar à noite, pois apresentava farta iluminação. A parte da pecuária foi encantadora: um trolley do passado, transportando um casal; uma charrete infantil com um casal de crianças; outra charrete moderna e um grupo de 15 cavaleiros e moças, montando notáveis animais.

O Esporte de Bragança, a homenagem à Santos Dumont, o carro cheio de crianças bem vestidas representando a “Cidade Poesia” constituíram grande interesse no desfile. A maior atração contudo, foi, o carro de 1922 conduzido por um motorista do “passado” e tendo como passageiro... Carlito do Azar. No decorrer do desfile o automóvel notabilíssimo “encrecava” e logo desciam o motoris-

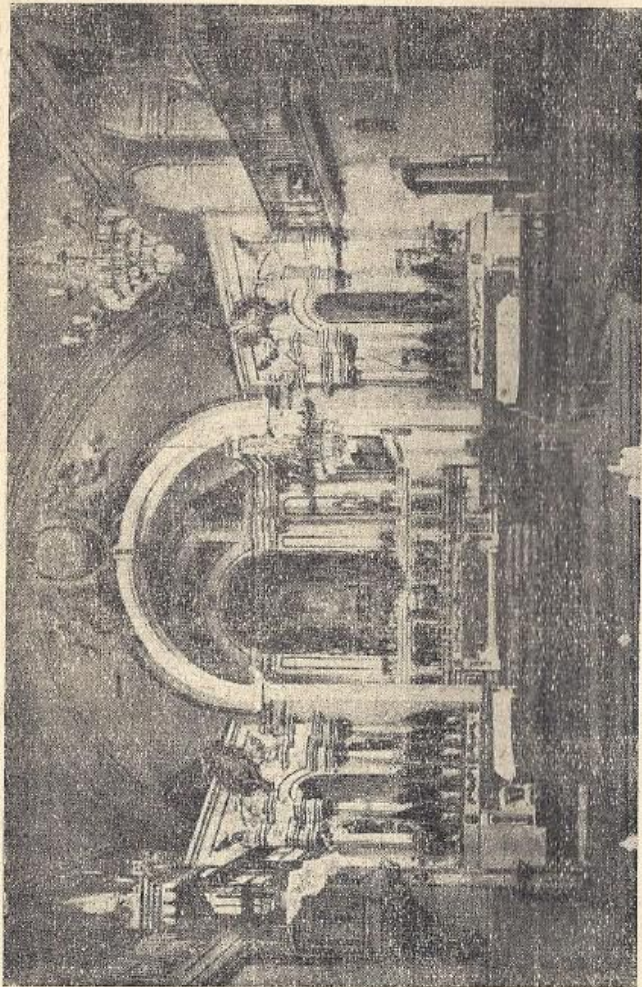
ta e o passageiro para “consertá-lo”. Não seria necessário descrever as diabruras do “Carlito”, que, tal e qual o modelo do passado, fêz rir às pampas e divertiu a todos quantos tiveram a alegria de assistir ao desfile. Desejo fazer uma menção especial à contribuição do Conservatório Musical Santa Cecília: Num carro grande, muitos índios, entre grande quantidade de vegetação e frutas. Na parte da frente, um piano autêntico e um jovem de casaca e cabelos empolados, executava ininterruptamente a “Sinfonia do Guarani”, de Carlos Gomes. Foi a homenagem maior que se pode prestar ao povo de Bragança na sua grande festa do bi-centenário: fazer-se ouvir, através de um alto-falante, as páginas da mais bela música deste País, brotadas da inspiração do divino músico de Campinas: Carlos Gomes!

Do palanque oficial as autoridades e pessoas gradas aplaudiram todo o cortêjo, e a passagem do “Bolo de Aniversário” — todo o povo, cantou “Parabéns à você”, acompanhado pela grande banda de música. O grande bolo simbólico, todo em branco, com duas grandes velas, enfeitando com festões de rosas foi confeccionado pelo sr. Aldo La Salvia e enfeitado por D. Hedy Bertolacini Vasconcellos.

Grandes ramalhetes de palmas cor de coral enfeitavam o carro que era a homenagem das “Casas São Geraldo” à “Cidade Poesia”. O carro das “Damas do passado” esteve belíssimo, tendo como cena uma sala com damas vestidas à moda antiga e servos ao redor.

Tôdas as pessoas que participaram do desfile, pertencem à mais fina sociedade bragantina. A rainha do bi-centenário, srta. Irani Barreto desfilou também, fechando o cortêjo. À noite, após o Te-Deum na Catedral, foram queimados fogos de artifício belíssimos, com a praça Raul Leme inteiramente às escuras, para o fim de melhor serem apreciados. Assim, Bragança Paulista, em 15 de dezembro de 1963, encerrou brilhantemente as comemorações do seu bi-centenário, sob a direção de dona Jandira Costa Valente, presidente da Comissão.

Parabéns à dona Jandira, aos bragantinos e à todos os que lutaram para proporcionar tal festa ao povo e finalmente, parabéns, a você Bragança pelo seu bi-centenário!



Interior da Matriz em 1910 — Bragança Paulista

AUTORIDADES EM EXERCÍCIO NO ANO DE 1963

Bispo Diocesano: D. José Maurício da Rocha; Prefeito: Professor Angelo Magrini Lisa; Vice-Prefeito: Ciro Piovesan; Juiz de Direito: dr. Michael Peter Reinach; Promotor de Justiça: dr. Geraldo Macarini Bego; Delegado de Polícia: dr. Roberto Cardoso de Mello Tucunduva.

AUTORIDADES EM EXERCÍCIO NO ANO DE 1965

Bispo Diocesano: D. José Maurício da Rocha; Prefeito: dr. Lourenço Quillici; Vice-Prefeito: Zilah Cerdeira; Juiz de Direito: dr. Michael Peter Reinach; Promotor de Justiça: dr. Geraldo Macarini Bêgo; Delegado de Polícia: dr. Roberto Cardoso de Mello Tucunduva.

Comissão Executiva dos Festejos do Bi-Centenário de Bragança:

Presidente: Angelo Magrini Lisa, Prefeito Municipal; Secretária: Jandira Colombi Costa Valente; Membros: Terezinha Lisa de Oliveira; Alberto Diniz; Maria Augusta Vasconcellos Diniz; Milad Abrahão; José Lambert; Saturnino Pacciti; Juvenal Silva; Luiza Guerra; Afonso M. L. Peluso; José Pacciti e Waldemar Centini.

A VELHA MATRIZ

A Mario Cintra

No largo da Matriz se ergue a antiga igreja,
Artística a fachada, a estilo colonial,
Onde, uma torre só, na escuridão alveja.
Era um conjunto de arte, em tela sem igual!

Na sua demolição, a picareta arqueja.
Quebrando a rigidez do reboco de cal,
Um traço de arte antiga, hoje não há quem veja.
Em toda a direção da nova Catedral!

Oh! como eu te queria, amigo e velho templo!
Doce recordações surgem na minha mente.
Tribunas de gradis, que ainda eu as contemplo.

Onde moças gentis entoam preces ardentes!
Ali a minha mãe, a mim me dava exemplo
Da fé que ainda me faz um fervoroso crente!

Fernando Valle

A CATEDRAL AGONIZANTE

A cidade tinha crescido muito, mas muito mesmo em duzentos anos. Começou como começa tôda cidade, não importa o seu tamanho e sua importância — se S. Paulo ou New York — que também devem ter começado da mesma maneira, com menos de uma rua, a Igrejinha sem assoalho e apenas com a cobertura. Essa Igrejinha, que iria se transformar numa Igreja de pedra e cal, quando a cidadezinha já teria à esta altura, meia dúzia de ruas. Mais gente se junta ao povoado e a população vai aumentando e vai crescendo. Passam cem anos tão depressa, tão depressa... Mas já não são mais cem anos. A cidadezinha, que se chamava Conceição de Jaguary, mudou de nome; e a Igrejinha que hoje é Catedral de Nossa querida Bragança Paulista, já está velha. Passaram-se duzentos anos e a cidade bi-centenária não quer se desfazer da sua Igreja; onde três, quatro gerações se batizaram, crismaram, casaram. Mas, existe uma coluna que parece estar ameaçando a nossa velha Catedral de pedra-cal e mármore. Passou ela por cinco reformas e a última já faz 50 anos!

E agora? Ninguém se conforma porque os engenheiros acham melhor pô-la abaixo e construir outra. Mas o povo não quer e não compreende. A decisão está tomada pelas autoridades competentes e a Casa de Deus, que estava condenada, começa a ser demolida. E a Catedral agoniza: ironicamente, dois caminhões levam dois dias tentando derrubar uma das colunas. Mas, Bênza Deus, esta terra privilegiada em que as velhas Catedrais, condenadas por sua condição "física", têm que ser postas abaixo por picaretas.

Não tem conta as igrejas — muitas históricas — que foram destruídas durante a guerra, num segundo, na Europa. As autoridades do ex-povoado, hoje cidade grande, querem construir a sua Catedral maior, com instalações para os serviços sociais, que os desprotegidos são muitos. A intenção é das melhores. Vamos todos nos conformar. Vamos esperar pela nossa nova e grandiosa Catedral. Não importa a demora; nossa Padroeira, Nossa Senhora da Conceição terá a casa bela e digna. Daqui a cem anos, duzentos, nossos bisnetos, ou tataranetos vão demolir a nossa nova Catedral e construir, em cima da mais bela Colina, uma monumental Catedral de vidro, e lá irão assistir, talvez fazendo o percurso por um moderníssimo "metrô" ou em helicópteros particulares, à Santa Missa. E, em todos os tempos, Deus Nosso Senhor seja louvado.

M. E. Soares

SINOS DE NOSSA CATEDRAL

R. Z.

Sinos que possuem uma sonora voz de bronze e sempre traduzem emoções das mais variadas. Voz que dá alegria, faz avisos, transmite dúvidas, dilata tristezas.

Nós te admiramos, nos repiques de alegria, nas manhãs de dias festivos, nas datas nacionais, nos domingos, nas festas do Cristianismo... Cremos ainda no teu som, nos momentos de civismo, pois êle nos encoraja, nos revigora, valorando o nosso amor pátrio!

Nós nos calamos, quando a tua voz é descompassada, dando dúvidas no teu som, pois êle nos parece portador de avisos sombrios...

Nós tememos o teu som nas noites frias de vento, em que tocar por mãos invisíveis, de vez em vez, parecendo transmitir mistérios e medo.

Nós lamentamos, quando a tua voz é lenta, chorosa, quasi parada, pois anuncia que alguém, no momento que choras, não ouve o teu pranto.

Sinos da Nossa Catedral, os teus dias estão "contados", mas de qualquer modo nós te admiramos porque mais cedo ou mais tarde voltarás, com tôdas as tuas vozes,

com todos os teus tons, porque neles se repetirão as nossas alegrias, as nossas tristezas, as nossas dúvidas.

Sinos de Nossa Catedral, quando ouviremos de nôvo a tua voz?

A' CATEDRAL DE BRAGANÇA

Confesso que chorei,
Igreja amada,
Ao ouvir dos teus sinos
O último repicar
Para o seu som gravar.
Pois, vão te demolir,
Oh! como eu sinto.
Quantas vêzes em ti chorei,
Nas angústias, nas tristezas,
Nas alegrias também,
Como te quero bem!
E vão te demolir..
Mas muitos anos aqui vivi.
De ti me lembrarei enquanto existir.

Yolanda N. Donati

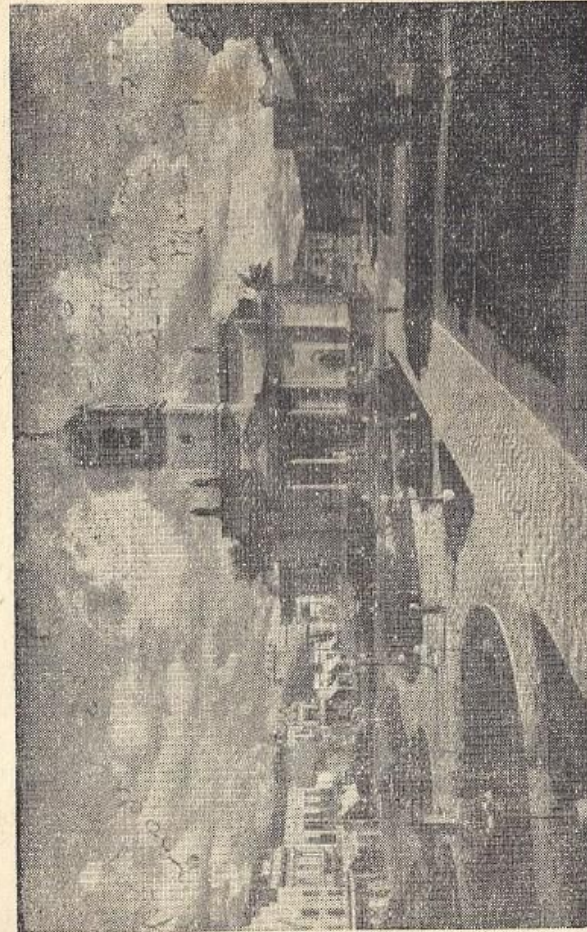
VELHA CATEDRAL

Tristemente os sinos tãgem
Numa mensagem final
Anunciando aos paroquianos
O fim da velha Catedral.

Mas o que existe no mundo
E' submisso a lei natural,
Pos isso que estamos vendo
O fim da velha Catedral.

Agora nos resta a saudade
Juntamente com a lembrança,
Do nosso querido templo
Na cidade de Bragança.

João Evangelista da Costa



Praca Raul Leme em 1938 — A Catedral



Interior da Catedral que está sendo demolida — 1965

TRECHOS DE AQUI, ALI, ACOLÁ

...Aqui — Quando a Igreja fazia soar os sinos anunciando ao povo que a partir daquele instante se iniciava a demolição da Catedral, êste colonista, que ouvia os sinos dobrarem, olhou para cima e notou uma coisa extraordinária: centenas de andorinhas iam e vinham voando bem em cima da torre onde repicavam os sinos. Nunca tivera eu notado que existisse tanta andorinha em Bragança. São graças que vieram do firmamento e as andorinhas também tinham alguma mensagem ao povo bragantino?

Rainha do Lar - Colaboração de crianças bragantinas

PRESENTE PARA VOVÓ

R-ainha sempre foi
A minha querida vovó.
I-nesquecível amor
N-ão há criatura melhor!
H-a! — Como gosto de ti vovó
A-gora que sou grande e sei que
é amar e gostar, amarei mais a ti.

D-eus que a conserve sempre!
O-h! — vovó fui comungar para ti.

L-á do céu Jesus viu e vai mandar
A-s graças que eu pedi.
R-ainha! nunca esquecerei de ti.

Marisa (11 anos)

QUERIDA VOVÓ

Hoje é dia das mães. Ontem houve uma festa na escola em homenagem às mães. Mamãe chorou muito. Quando saí. Perguntei: Porque a senhora chorou? Ela respondeu: Porque me lembrei de minhas avós mortas e de minha mãe que está longe. Diante disso, resolvi escrever esta cartinha. Mando um beijo a vovó Rita que não cheguei a conhecer

mas acho que foi tão boa. Escrevo esta cartinha porque ela era sua mãe.

Um abraço de seu neto

Marco Antonio (10 anos)

BRASIL: TERRA LINDA

E' a terra dos amores,
O Brasil de beleza,
Linda de flôres
E tanta pureza!

Verde e amarela
Cores da bandeira,
E a árvore de marmelo
Da terra brasileira.

O' Brasil,
Céu côr de anil
Flôres de Bondade
E gente de amizade!

Martim Ulrich Ehrenzeller (7 anos)

Páginas dedicadas às nossas crianças e para elas, esta bonita crônica transcrita do "Mensageiro de N.S. da Salete"

O BARQUINHO DA VIDA

...Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
De dia, vento da terra,
De noite, vento do mar?"

Jangada e pescadores enfrentam todo o dia o mar, na labuta para ganhar a vida. Houve um desses bravos de alcunha "Jacaré" que empreendeu com dois companheiros uma travessia ao Rio. Foi um feito de coragem e audácia. Eis que um dia convidado por um artista americano para um filme, "Jacaré" morreu afogado na Barra da Tijuca. O mar que ele tanto conhecera sepultou-o, mas em seu vasto coração, ergueu-lhe um monumento...

Nunca lhes aconteceu em manhãs de chuva, ou à beira dum riacho, lançarem ao longo das sargetas ou das margens um barquinho de papel?...

Deslisando suavemente ou redemoinhando na corrente, vocês talvez o tenham contemplado, sonhando com o dia em que embarcariam num barco de verdade? Também nós os grandes, lançamos o nosso barco: não um barco de papel, leve, grácil, sem destino, mas outro pesado, carregado de desejos, de deveres e esperanças. Mas é preciso remar. E' preciso seguir rumo certo. Uns dirigem-se para a conquista da glória, como outróra Vasco da Gama, Américo, Colombo, outros em busca das riquezas, da ambição, como aquêles que partiram, em busca do símbolo da sonhada felicidade da ilusória ventura "Velocino de Ouro", que unca se alcança e se deseja sempre.

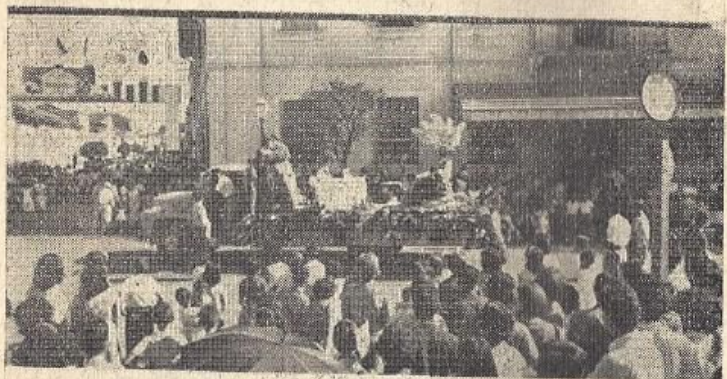
Certa vez, quando os apóstolos viajavam com Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Mestre Amigo, êste adormecera na prôa do batel. Levantou-se porém, um temporal e o frágil barco como uma casca de noz se agitava no mar enfurecido. — "Senhor, acorda que perecemos"... Então Jesus mandou que os ventos e as águas se acalmassem...

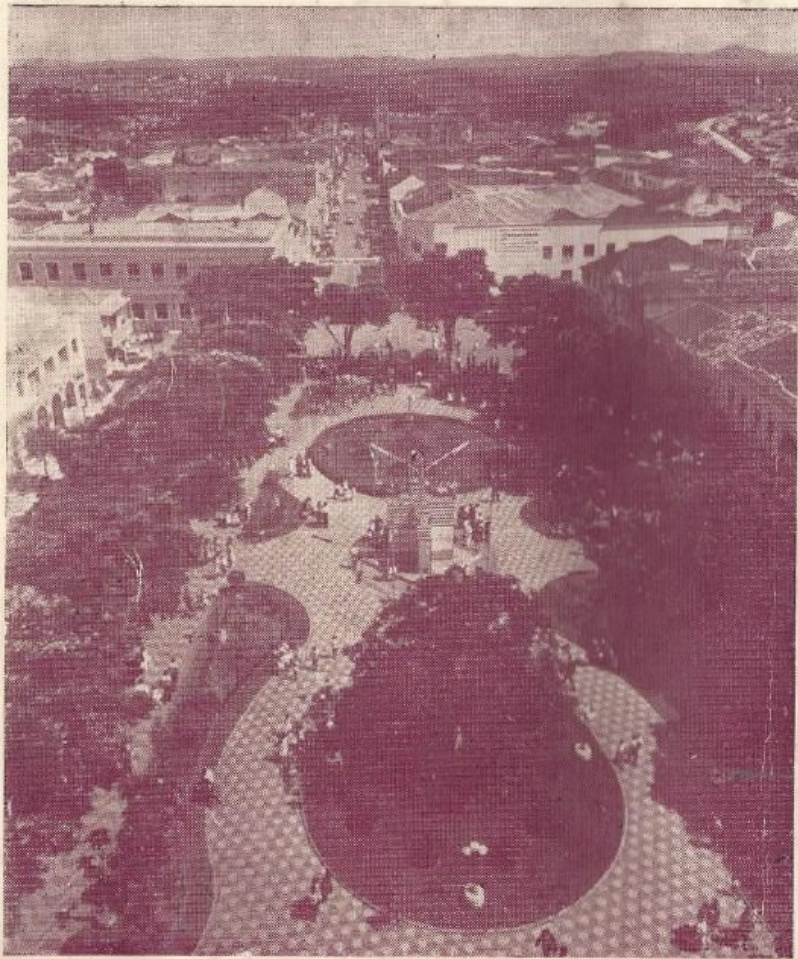
Assim também na vida, quantas vêzes o nosso barco ameaça sossobrar e a nós nos parece, que o Senhor Salvador dorme indiferente aos nossos rogos, enquanto os ouvimos da fé devem permanecer atentos às vozes que falam às tempestades e impõe silêncio ao mar. Por enquanto, na manhã da vida, soltai os vossos barcos, queridas crianças soltai-os, cheios de contentamento, soltai-os no mar azul da fantasia e deixai-os ir. Mais tarde vos tornareis marinheiros hábeis e de verdade; hastearcis a bandeira da fé, da energia, da vontade resoluta de ser alguma coisa, e não ouvireis nenhuma voz triste murmurar:

"O barquinho virou
Lá no fundo do mar
Porque o seu dono
Não soube remar.

"E' NECESSÁRIO QUE CRISTO REINE"

Êste é o lema do nôvo Cardeal-Arcebispo de São Paulo. D. Agnelo Rossi é o mais nôvo Cardeal do Brasil, o segundo de São Paulo, tendo recebido o chapéu cardinalício a 22 de fevereiro de 1965.





15-12-1963 — Bicentenario da cidade — Gentileza Foto Tito
Visã de Bragança — Tirada do alto da Catedral no dia